

Agrupamento de Escolas Alfredo da Silva

Maio 2022

29ª Edição

ALFREDO EM MOVIMENTO



Saudações jornalísticas!

Voltamos com o mês de maio, trazemos a primavera, as flores e os sorrisos libertos de máscaras.

Olhando para trás, constatamos que o segundo período foi marcado por eventos que nos enchem de satisfação. Entre outras atividades, demos continuidade às comemorações dos 75 anos da escola sede, mostrámo-nos solidários para com um povo em guerra, tendo manifestado o nosso auxílio de diferentes formas, e contactámos com diversas instituições universitárias, pois é preciso preparar o futuro dos nossos finalistas.

Por falar em finalistas, não deixem de ler nesta edição, as belas cartas de despedida, com as quais alguns alunos assinalam o final do secundário e a sua passagem pela EBSAS, da qual levam gratas memórias.

Outros projetos foram surgindo e muitos trabalhos puderam ser concretizados, apesar das limitações de uma pandemia que tem demorado a extinguir-se. Deste modo, continuámos a receber artigos até ao fecho desta edição, o que constitui a prova viva do dinamismo do nosso Agrupamento.

É bom sentir que, mesmo em final de ano letivo, continuamos a ser surpreendidos pela capacidade de trabalho dos nossos alunos, pois esta será sempre a principal chave para o êxito.

Resta-nos desejar a todos muito sucesso neste terceiro período!

A equipa



ENCANTAR OS MAIS PEQUENOS

12ºG em grande!

As alunas do 12º ano do Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância têm dado, ao longo do ano, mostras de criatividade, empenho e dedicação ao trabalho. Basta recordar a animação que criaram no Halloween, o projeto em defesa da Ucrânia, a atividade das flores (ainda em exposição no átrio) ou a participação na Sessão Solene do 75º aniversário da Escola, entre outras.

Este apontamento pretende, no entanto, destacar outra atividade em que brilharam, oferecendo carinho e revelando responsabilidade:

a apresentação da peça infantil "Meninos de todas as cores", baseada no poema homónimo de Luísa Ducla Soares e levada à cena no âmbito da disciplina de ECDM. Para além de criarem os apontamentos de cenário, trataram do guarda-roupa, asseguraram a equipa técnica e apresentaram um espetáculo que deliciou os mais pequeninos.



No dia 1 de abril, fomos à Escola Básica do Agrupamento e, na Biblioteca da EB J. J. Rita Seixas, realizámos três sessões para os alunos do pré-escolar, bem como para os dos 1º e 2º anos. No dia 6, já na última semana do 2º período, a deslocação foi à Escola Básica Nº7, perto da estação fluvial. Também aí estava prevista apenas a sessão para o pré-escolar, mas foi pedida uma repetição para o 1º ciclo, que apresentámos com agrado.

Em qualquer das escolas, o público reagiu da melhor forma, participando também com a apresentação de círculos coloridos e captando a mensagem de aceitação da diferença que se pretendia transmitir.

As jovens do 12ºG estão de parabéns por várias razões, mas essencialmente por constituírem um grupo com "uma alma" muito bonita.

Há momentos em que os professores se sentem gratos pelas turmas que lhes atribuem. Este é um deles.

Profª Matilde Antunes

ENCANTAR OS MAIS PEQUENOS

O encanto do espetáculo e a atenção dos pequenos espetadores.



Obrigado, 12º G!

MULTICULTURALIDADE

Mais um bonito projeto da responsabilidade da turma G do 12º ano, do Curso profissional de Apoio à Infância. Desta vez, as alunas desta turma realizaram um trabalho subordinado à temática “Multiculturalidade – a partir do olhar de um jardim”, dinamizado no âmbito das disciplinas de Psicologia e Área de Integração.

O resultado foram estes belos arranjos florais que têm embelezado o átrio da nossa escola. Tomámos a liberdade de os aproveitar, também, para decorar a capa e algumas páginas deste nosso jornal.



Nada melhor do que as flores, com a sua beleza e variedade, para expressar a riqueza dos costumes e da cultura dos povos.

MULTICULTURALIDADE

É incrível o que se pode fazer com caixas de ovos, palhinhas e papel higiénico.
E muita imaginação e habilidade, claro!



SABER LER PARA OS MAIS PEQUENOS

O 11ºG na EBJI J. J. Rita Seixas

No dia 29 de março e após as restrições impostas pela pandemia, os alunos do 11º ano do Curso Profissional de Técnico de Ação Educativa deslocaram-se às salas do Pré-escolar para fazerem a leitura expressiva do conto "Os ovos misteriosos", de Luísa Ducla Soares, ensaiada no âmbito da disciplina de ECDM.

Solicitando a participação do público pequenino, que ilustrava as diversas personagens fazendo os gestos e sons relativos a cada animal, os alunos viram a sua apresentação reconhecida com os aplausos e os sorrisos das crianças. Foi um momento gratificante.

Esta deslocação contou com a colaboração da professora de TPIE, Maria José Costa.

A prof. Matilde Antunes



ENCONTRO COM O FUTURO

No dia 31 de janeiro, a escola sede recebeu a Associação Inspiring Future, que realizou alguns workshops sobre o acesso ao ensino Superior, dirigidos aos alunos dos 12º anos.

A Feira do Ensino Superior, que decorreu no mesmo dia, foi também dinamizada por esta Associação.



Os workshops no CRE e no auditório.

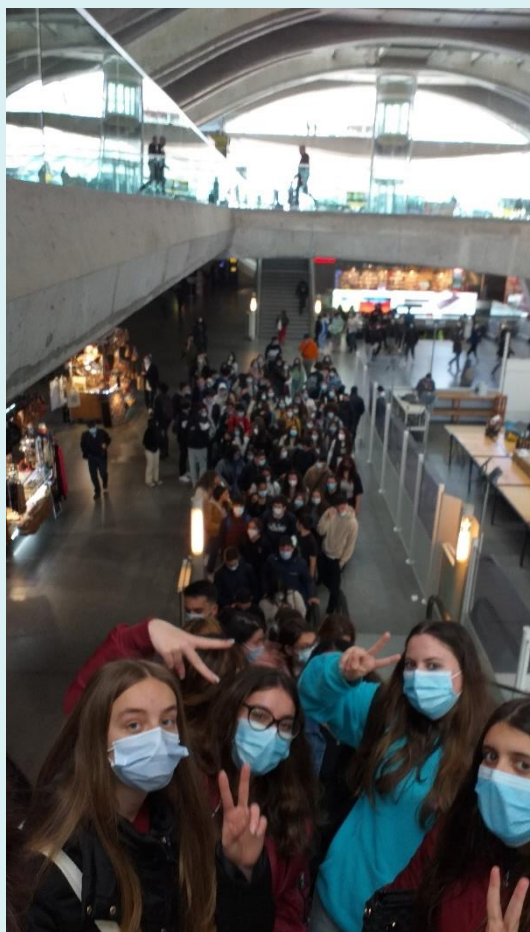


A Feira do Ensino Superior no Ginásio.

FUTURÁLIA 2022 – REGRESSO AO FUTURO

Depois de dois anos sem as habituais visitas à Futurália, devido à situação pandémica, foi com grande entusiasmo que os nossos finalistas marcaram encontro com o futuro, no dia 30 de março.

Eis algumas fotos do dia em que recuperámos um pouco da nossa normalidade.



A caminho do futuro!



No recinto da Feira.



A sala de professores na Futurália.

FUTURÁLIA 2022 - REGRESSO AO FUTURO

O movimento habitual da maior Feira de Educação e Formação do nosso país.



Alfredo em Movimento



Partilhamos convosco alguns Textos de Despedida dos nossos finalistas, que em breve nos dirão adeus. Alguns deles frequentam a Escola Sede desde o 5º ano; outros apenas ingressaram no Secundário. Contudo, revelam sentimentos comuns: o carinho pela Escola e a gratidão por tudo o que esta lhes ofereceu.

Barreiro, abril de 2022

Querida escola,

Hoje estou muito triste, porque esta é supostamente uma carta de despedida.

E estou a escrever-te como quem escreve a alguém com quem nunca falou, mas que sempre esteve ali, fora e dentro de mim, a viver comigo momentos cruciais da minha vida e até da história do mundo. E escrevo-te considerando-te algo que ultrapassa o simples, modesto e antigo e até mesmo assustador edifício que integras e o ambiente estuarino que te rodeia, que ultrapassa o conjunto multicultural de amigos, colegas, professores, funcionários que vivem grande parte dos seus dias nas tuas instalações. Na verdade, olhando mais profundamente, considero-te um conjunto de ideais, um espírito multifacetado que me invade continuamente em ondas de culturalidade, integrando-se em mim e subtilmente fazendo-me amadurecer e crescer mais forte e polifacetada, tornando-me um ser do mundo e com capacidades de compreender o nosso Planeta Terra de uma forma global.

Quando te olhei pela primeira vez, vi apenas o edifício exteriormente e assustei-me com a tua rigidez de século passado, respirando história nas suas entrelinhas arquitetónicas. Ao entrar eram escadas, corredores compridos e muitas portas, como nos filmes de suspense e terror... E era mesmo suspense o que eu sentia. O que iria acontecer? Não conhecia os alunos, não conhecia os professores e sempre ouvi dizer que a partir do 10º ano é que era a sério. E eu sempre fui tímida e reservada, introvertida... era um suspense intenso, que me fazia dormir mal, me angustiava tão completamente que pensei que tinha de mudar de escola. O conselho da família foi esperar para ver... um bom conselho e que resolvi seguir. E ainda bem... porque conhecer-te fez de mim o que sou hoje.

Tu, ao longo destes três anos, mostraste-me partes de mim que eu não acreditava ter, capacidades que eu não sonhava usar e mesmo considerando hoje que não sou boa, sei que sou melhor por tua causa. Aprendi a falar mais alto e fazer ouvir a minha voz, a interagir com os outros e dar os meus afetos sem receio de serem recusados e a dar o primeiro passo, mesmo para o desconhecido, sabendo que, mesmo saindo magoada, consigo dar luta e defender os meus ideais. Aprendi contigo a não ter medo, aprendi contigo a saber cair e saber levantar-me, a refletir sobre os meus atos e sobre as consequências que têm sobre mim e sobre o que me rodeia.

Ao longo destes três anos, ambas sofremos problemas intensos e o maior deles foi a invasão por um vírus, que agora faz parte das nossas vidas, tornando a nossa vivência tão diferente que parece haver uma linha bem definida entre o antes e o depois. Esse vírus pôs em causa a nossa relação, mudou-a, transformou-a como nunca poderia ter imaginado sequer e tão rapidamente que a transição parece que não doeu. Mas doeu! Trouxe de volta o suspense, a incógnita, a provação da ausência física. Mas lá diz o ditado, o que não nos derruba torna-nos mais fortes e assim foi. Saímos ambas renovadas e mais fortes. E principalmente com uma ideia mais nítida do valor da vida.

Agora que te vejo profundamente, sei que esta não é uma carta de despedida, porque eu posso partir das tuas instalações físicas, mas tu partes comigo, porque fazem parte de mim os teus ensinamentos, os teus ideais, a tua essência.

Margarida Mendonça Marques, 12º B

ADEUS, EBSAS!



Barreiro, 7 de março de 2022

Querida Escola Alfredo da Silva,

Faltam então exatamente três meses para te deixar, três anos depois de passares a ser a minha segunda casa. Acho que não há melhor altura para olhar para trás e perceber o quanto me fizeste bem.

Era junho de 2019 e, eu, como habitualmente, não sabia o que fazer no passo a seguir, muito menos quando o passo a seguir seria o secundário, o que esperava ser os melhores anos da minha vida. Para que o teu ego não suba, posso dizer-te que não eras a minha primeira opção, até te visitar. Assim, posso confirmar o que muitos dos jovens do Barreiro julgam, não há ambiente melhor. Isto significa que és constituída por muito mais do que instalações históricas, fazem parte do teu coração pessoas e profissionais incríveis, prontos a ajudar a formar crianças e jovens sem que deixem de se sentir em casa.

Por falar em casa, é curioso que no primeiro ano em que estudei na Alfredo da Silva tenhamos sido surpreendidos por uma pandemia mundial, o que só veio apimentar uma jornada que já tinha tudo para ser emocionante. Fomos para casa, deixámos-te fisicamente, mas a comunidade fez a força e com trabalho e muita paciência ultrapassamos todos esses períodos afastados de ti. As máscaras tomaram o lugar dos sorrisos e muito ficou por fazer quando a distância passou a ser prioridade ao invés do convívio e proximidade aluno-professor que tanto fazia parte dos teus valores. A verdade é que aos poucos, indo e voltando, posso dizer que, para mim, a experiência de ter uma pandemia presente nos “melhores anos da minha vida” não foi tão má graças a ti e às amigas que me trouxeste. Agora que posso agradecer por terminar o meu secundário em regime presencial, não posso deixar de elogiar a tua localização e as tuas vistas que tanto me vão fazer falta, admito.

No futuro, quero apenas lembrar-me de momentos bons, mesmo sabendo que está escrito nas entrelinhas que a vida de um estudante tem altos e baixos, mas o que estes anos de Alfredo da Silva mais me ensinaram não foi apenas equações trigonométricas ou visões filosóficas, mas sim que todos os dias temos uma nova oportunidade de sermos melhores, mesmo que isso signifique ignorar o que, por vezes, acontece de mau no nosso trajeto. Assim, agradeço aos teus professores por me aceitarem e por reconhecerem quando todos os dias me empenhava para que o seu esforço desse frutos, agradeço a toda uma comunidade que faz parte do teu dia a dia e que sem ela não funcionarias e, por fim, agradeço a todos os que, tal como eu, aproveitaram ao máximo o tempo em que nos fizeste de casa.

Se tivesse de escolher uma palavra para descrever o meu secundário seria-Inspiração- “[Figurado] Processo que faz com que algo nasça no coração, no espírito, no pensamento.” Isto porque, ao longo da minha vida, todas as memórias que esta escola me ofereceu vão ter um lugar importante em todos os momentos. Espero genuinamente que este brilho que vejo em ti não desapareça e que os alunos que mantêm esta escola desperta todos os dias mantenham a mente aberta para ver o quão boa pode ser a experiência de estudar rodeados de um ambiente único. Com o coração apertado, não posso deixar de desejar que te estimem, mantendo unido o espírito estudantil que tantas Associações de Estudantes têm estado a manter vivo com tanto amor à escola quanto a escola tem aos seus alunos.

Estes três anos foram uma construção contante a muitos níveis. A nível profissional sei que lutei muito, quis desistir muitas vezes quando não tinha os resultados que esperava e, mesmo quando os tinha, pressionava-me para continuar. Sei que este é um perfil de muitos alunos do secundário em geral e não propriamente de algo que me tenhas ensinado, mas posso dizer que nunca desisti porque, por algum motivo, me senti no mesmo barco que muitos que me acompanharam nestes anos. Esta proximidade que apareceu com os amigos que formei no secundário, ou até a que desenvolvi com aqueles que já vinham do básico, mas que me viram crescer neste tempo, não seria possível noutra escola.

Vou acabar esta fase da minha vida concretizada com o meu percurso escolar. São de facto doze anos da minha vida que marcam todo o meu trajeto até agora e que vão acabar aqui. Não quero que me interpretes mal, não tem de ser algo negativo quando sei que apenas se trata do primeiro grande começo da minha vida. Esta nossa fase vai ter um final feliz contigo, graças a ti.

Obrigada, EBSAS

Até sempre

Madalena Madeira, 12^º B



Querida escola Alfredo da Silva,

Queria, desde já, agradecer por tudo aquilo que fizeste por mim. Desde professores, amigos e até mesmo funcionários, marcaste-me pela positiva e pela negativa também. Chorei e ri, mas, acima de tudo, diverti-me bastante. Confesso que por vezes sinto que não aproveitei o secundário como tinha idealizado, devido à pandemia que chegou para estragar aqueles que são considerados “os melhores anos da nossa vida”.

Ajudaste-me a crescer. Tive diversas desilusões escolares no que toca a não conseguir atingir os meus objetivos, mas isso só fez de mim mais forte para me esforçar ainda mais com a ajuda daqueles que fizeram estes três anos valerem a pena!

Fiz amizades indescritíveis que por sua vez são professores. Obrigada por toda a disponibilidade que sempre demonstraram e a ajuda que nunca irei conseguir retribuir.

A icónica comida do bar que nos faz crescer água na boca só de sentir o cheirinho quente ao longo dos corredores. Isso sim, o facto de num futuro próximo deixar de ser o meu dia-a-dia deixa-me completamente receosa.

É certo que com coisas más vêm coisas boas. Conheci pessoas com quem talvez não volte a lidar, mas, sobretudo, tudo aquilo que esta escola me proporcionou, valeu sem dúvida alguma a pena.

Despeço-me já com saudade. Foram os melhores três anos que podia ter passado nesta escola e, como aluna do 12º ano, não existem palavras suficientes para descrever e agradecer o sentimento de satisfação que levo repleto no meu coração.

Obrigada, escola, não enquanto estrutura em si, refiro-me a todo o corpo docente que garante que este edifício educa e recebe tantas e tão boas pessoas.

Até já, querida escola,

Margarida Vidigal Pacheco, 12ºB

Querida escola Alfredo da Silva,

Estou a meio do 3º ano consecutivo que em ti passo. Cada vez mais próximo do fim de outro ano letivo.

Mas este ano vai ser diferente. Porque no final, eu vou ter que despedir-me de ti. Não vai ser como no final do 10º ano ou do 11º ano. Vou ter que partir para a Universidade. Mas quero que saibas que te vou guardar dentro do meu coração. Pois foi dentro de ti que tive as melhores experiências e que senti todas as emoções possíveis, incluindo algumas que eu nunca tinha sentido antes. Foi dentro de ti que criei amizades inesquecíveis, tanto com os meus colegas de turma como com alguns professores e até funcionários. Foi dentro de ti que eu cresci e amadureci, comemorando contigo e com os meus amigos os meus 18 anos.

Tu sempre me acolheste dentro de ti, então acho que é mais que merecido este teu lugar dentro de mim, no meu coração. Assim como me recebeste alegre com os teus tons de amarelo no primeiro dia em que eu entrei, também sei que te vais despedir de mim triste com esses mesmos tons amarelos. Cada aluno, que por aí passa, cria memórias maravilhosas e aprende lições importantes para a vida.

Obrigada por me teres aceitado no 10º ano e teres tornado os últimos 3 anos nos melhores de toda a minha vida.

Beatriz Morais, 12º B





Neste ano de partida
Uma carta vos deixo aqui,
A narrar com alegria
Os momentos que vivi.

A esta escola ao Sul de Lisboa
Bem novo cá cheguei,
Aqui aprendi a ser pessoa
E vários obstáculos ultrapassei.

Neste meu segundo lar
Muita gente cá vivia,
Uns acabaram por se afastar
E outros tornaram-se família.

Muito tempo aqui passei
Oito anos para ser mais certo,
Por vezes me desafiei
Sempre com diversão e afeto.

Para além da educação
Houve muita brincadeira,
Com o Lucas, o Quaresma
E a stôra Regina Pereira.

Vou partindo deste local
Numa data de glória,
Esta escola fenomenal
Com 75 anos de história.

Grato ao nosso fundador
Que decidiu criar primeiro,
A escola Alfredo da Silva
O orgulho do Barreiro.

Na hora de saída
Parto com a esperança
De uma vida bem vivida
E um futuro de bonança.

Pedro Mourão 12ºB

“Tem em mente que tudo o que tu aprendes na escola é trabalho de muitas gerações (...) Recebe essa herança, honra-a, acrescenta-a e, um dia, fielmente, deposita-a nas mãos dos teus filhos.” Albert Einstein

Esta é a despedida de uma viagem que não fiz sozinho, foi nesta escola que embarquei juntamente com os professores e os meus colegas, foram uns longos oito anos onde não faltaram alegrias, mas também obstáculos que foram ultrapassados. Quando aqui entrei era uma criança e hoje saio já adulto, mas diferente pelo crescimento pessoal que aqui adquiri.

Sei que o caminho se tornou mais simples porque tive o privilégio de ter a meu lado bons professores que se tornaram amigos e por isso agradeço a cada um que contribuiu para que assim fosse. É mais um ciclo que se encerra e por isso, mais do que nunca, há que valorizar as amizades que não esquecerei e os conhecimentos que aqui adquiri e que com certeza me vão ser úteis para o meu futuro. Chegou o momento de cada um seguir viagem sozinho... Que as experiências partilhadas no percurso até aqui sejam a alavanca para alcançarmos a alegria de chegarmos ao destino que cada um pretende.

Gostaria ainda de fazer um agradecimento especial à Professora Regina, pelo seu profissionalismo e carinho demonstrado ao longo destes anos, pois a nossa caminhada já vem desde o meu 7º ano, sendo por isso quem viajou durante mais tempo comigo.

João Vasco 12ºB





À minha Escola

Despedidas nunca são fáceis, especialmente este adeus a uma escola que fez parte da minha rotina diária por estes 3 anos, em que tanta coisa mudou. No entanto, todo o fim tem um começo, e todo um começo tem um fim, e o secundário não é exceção. Por mais que eu queira viver isto tudo novo.

Todas as experiências e aprendizagens aqui adquiridos, tanto nas aulas como nos intervalos, todas as aulas a stressar pela mais recente matéria de matemática, as minhas exclamações “ai faltava-me um sinal de menos para a conta dar certa”, todos os intervalos a tentar decorar apresentações, todas as idas à praia em maio na hora de almoço e todos os amigos feitos pelo caminho irão deixar saudades.

Embora nos tenhamos conhecido neste edifício, espero não deixar os meus amigos por lá, esquecidos no passado. Parece um cliché, eu sei. Eu sei que não vou levar todos as minhas amigas de escola para a vida, algures no meio da turbulência que é a vida, as nossas promessas de “amigos para sempre” acabam por se quebrar, no entanto algo que nunca irá mudar são todos momentos passados com cada uma destas pessoas na escola, pois foi uma época em que me senti genuinamente feliz. E por tudo isto agradeço à escola, por não só me dar dores de cabeça com todos os testes e trabalhos, mas também me ter proporcionado a oportunidade de conhecer pessoas incríveis e ao olhar para trás não me arrependo de qualquer instante que tenha passado com elas.

Porque a escola não é apenas um edifício, a escola é o conjunto de todas as pessoas que lhe dão vida todos os dias. O que seria a escola sem os professores, alunos e todos os funcionários? Apenas seria um edifício qualquer, sem nenhum valor emocional. E já que estamos neste tópico, eu sinto que a escola é provavelmente um dos edifícios que mais valor emocional contém, especialmente a nossa que conta já com 75 anos de história.

Sinceramente este é um momento que eu pensava que nunca iria chegar: o 12.º ano, o último do secundário, parecia uma lenda ou um mito, algo que parecia inalcançável desde o momento em que pus o pé nesta escola. Contudo, aqui estamos. À beira do quase precipício que são os exames de 12.º e a entrada na faculdade. Sentirei falta de tudo mesmo. E espero um dia, quando olhar para trás, lembrar-me de todos os professores marcantes e atenciosos que tive o prazer de conhecer e tanta pena de deixar para trás, e cujo único erro foi gostar de contas. Por vezes, penso que não podia ter pedido melhores pessoas com quem aprender, mostrando o quanto eles gostam de ensinar e o quanto nos encorajaram a não desistir ao primeiro obstáculo.

E apesar de uma pandemia não ser a situação ideal para passarmos os nossos melhores anos, até mesmo as aulas online trouxeram felicidade, com todas as videochamadas que existiram.

Por isso obrigada por tudo EBSAS, pelo ambiente amigável o qual atrai qualquer pessoa a querer estudar aqui, pelas amigas que possibilitaste e por me teres preparado para os obstáculos que hei de enfrentar na vida.

É triste, é triste dizer que nem tudo dura para sempre, nem mesmo a escola.

Alice Correia 12º B

Querida escola Alfredo da Silva,

Foi-nos pedido que te dedicássemos uma carta, cujo objetivo é narrar a nossa experiência enquanto alunos prestes a abandonar-te. Pessoalmente, acho que a melhor forma de descrever o tempo que partilhei contigo é dizer que o senti como uma montanha-russa de emoções.

Assim, posso admitir que nem sempre foi fácil lidar com o stress escolar e/ou social, derivado de toda a pressão com as médias, entrada para a faculdade e ainda com a pandemia que surgira e que consigo trouxe uma mixórdia de irregularidades, entre as quais as aulas online. No entanto, não foram estas dificuldades que mais me marcaram ao longo dos 3 anos em que te frequentei. Sempre que tento recordar algo relacionado contigo, as memórias que me surgem costumam ser as mais felizes: aulas a fio a rir, praticar volley na praia, o “desânimo” associado à palavra “milha”, experiências nos laboratórios de físico-química e biologia, horas seguidas a olhar para rochas e a estudá-las, os pães com chouriço aquecidos do bar (que foram infelizmente descontinuados), os posters na parede a tapar buracos que te dão um ar mais requintado, as tentativas falhadas de diagnosticar todas as doenças mentais de Fernando Pessoa, etc.

Nem tudo foi um mar de rosas, mas estive longe de poder ser considerado um trajeto com uma conotação negativa. Aliás, irás, sem dúvida alguma, deixar saudades e terás sempre uma importância enorme no que diz respeito ao crescimento e à educação daqueles que serão “o futuro da nossa geração”, como os professores costumam dizer. Um obrigada não chega para agradecer por todos os momentos, mas aconselho-te a arranjar uns lencinhos para os que estão por vir porque a caminhada não é fácil, ainda que no fim valha a pena.

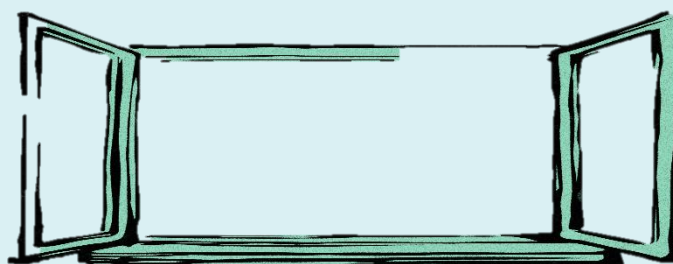
Muitos beijinhos e um até já,

Marta Correia, 12ºB



A JANELA SOCIOLÓGICA

É agora tempo de abirmos a nossa janela.



Não. Não se trata de uma adaptação para o cinema. É a realidade. Sobre ela refletimos nas aulas de Sociologia. Corporizamos as nossas reflexões no trabalho do “grupo-turma” que aqui deixamos.

O 12º D lançou-se na reflexão do impacto da guerra na instituição-família e chamou-lhe *Tempos de Desassossego*.

Bombas, mísseis e escola... foi como o 12º F chamou à sua reflexão sobre os impactos da guerra na instituição-escola.

Apesar de tristes, a Janela Sociológica continua aberta. A todos.

TEMPOS DE DESASSOSSEGO

Qualquer guerra traz destruição, insegurança, medo e morte e afeta negativamente os Estados e as suas instituições. Em especial, à **instituição-família** são agora **impostas mudanças**, seja por os elementos que a compõem serem forçados à separação, seja mesmo por desaparecerem... A situação que se vive vai deixar cicatrizes nas famílias cujas vidas estão já emocionalmente marcadas.

Perguntamo-nos, será que as famílias conseguirão voltar ao «normal»? A instituição-família conseguirá manter-se?

Os homens vão para a guerra, as mulheres ficam sozinhas com os filhos; **crianças e jovens** obrigados a crescer rapidamente para **desempenharem novos papéis sociais** desadequados à sua idade (tratar do irmão mais novo, da avó doente, cuidados na doença de outros...). Ao acompanharmos as notícias, apercebemo-nos de que quando os filhos são mais novos, por exemplo até aos 4 ou 5 anos, as mães tendem a ocultar o que se está a passar, mas à medida que a idade aumenta já lhes vão colocando alguns filtros e contando porque tiveram de largar a casa e fugir, e embora ainda sem grandes pormenores ou explicações, uma

vez que ainda é demasiado cedo para que uma criança compreenda um conceito tão pesado como o da «morte», já lhes vão dando respostas mais realistas. Aos mais velhos (14-15 anos), as mães partilham mais a realidade do conflito pois acreditam que os filhos conseguirão percebê-lo em mais dimensões. Esta situação está a **modificar as relações dentro da família** pois as mães, em todas as situações tentarão não preocupar demasiado os filhos, e muitas vezes elas próprias sacrificam a sua saúde mental pois priorizam sempre os filhos/crianças. Apesar de tudo, os jovens acabam por ter de realizar atividades que não se ajustam ao seu **lugar na estrutura de uma família em contexto normal**.

As marcas, essas, ficarão em qualquer faixa etária uma vez que o impacto na **coesão das famílias** se fará sentir muito tempo, ultrapassando mesmo a duração do conflito. As **interações entre gerações** marcarão a instituição. Deste modo, as famílias que vierem a formar-se no futuro, possivelmente assentarão a educação das crianças em valores que garantam a manutenção de uma paz duradoura. Apesar de tudo, acreditamos que a **família sobreviverá sociologicamente** como instituição-base.

A separação ou o falecimento são acontecimentos frequentes na situação de guerra e por isso achamos que talvez um outro impacto na instituição-família possa ser o do aumento do número de **famílias monoparentais e/ou recompostas**. As crianças poderão ficar a viver só com a mãe ou até com alguém que as acolha e não tenha laços biológicos. («padrasto», «madrasta» ...). Mas as **relações familiares** poderão ainda sofrer outros impactos – por exemplo, se uma família tiver progenitor russo e progenitora ucraniana conseguimos perceber que os danos e a destruição a cada momento que passa poderão ser sentidos de forma diferente, e eventualmente causar desentendimentos onde antes não havia...

A **ausência da figura paterna como figura de referência** num momento da vida da criança em que ela ainda está a realizar a sua **socialização primária** vai ser compensada por uma intensificação do **papel social da mãe** a qual fica responsável por garantir a segurança, a sobrevivência doméstica e a partilha do afeto.

Os **papéis sociais** apresentam um maior rigor pois durante décadas as mulheres lutaram e protestaram para alcançar a sua **independência económica**, o seu **direito a uma carreira**, a sua **igualdade conjugal**, mas na situação atual terão de sacrificar tudo em nome da **segurança familiar**. Mediante o referido, constatamos que os **géneros** estão presentes e tratados diferentemente na guerra, quer nos papéis desempenhados, quer no modo como se espera que cada género expresse as suas **emoções**: o pai que se despede do filho faz um esforço enorme para não chorar porque não deve demonstrar receio ou medo.

Por vezes estes homens sabem que só conseguirão contactar os seus familiares à distância, através dos recursos tecnológicos. A **socialização das crianças e as tarefas educativas** passarão a ser asseguradas também pelas **tecnologias**. Os **afetos e a qualidade das relações familiares** desenvolvem-se fora do «lar» e da «escola». As crianças ficaram sem poderem frequentar a escola, perderam aprendizagens, recearam e receiam perder o pai, terão de **combater memórias de guerra**, pois muitas delas ouviram e ouvem sirenes, explosões e tiros em vez de brincarem normalmente. Todos nós vimos imagens de parques infantis sem qualquer criança...Algumas conseguem refugiar-se apenas no uso das tecnologias.

A própria **segurança das famílias** depende das **tecnologias** pois elas permitem mais rápida localização dos ataques, procura dos percursos mais seguros, maior ajuda no diálogo entre os

diferentes idiomas e maior contacto com as ajudas humanitárias.

Também não podemos ignorar as mães/avós que decidiram ficar, ajudando ao seu modo no combate pelo seu país. E aqueles que, em pleno tempo de guerra, **decidiram casar** por pensarem que se não fosse já e naquele momento poderia não vir a acontecer. Esta guerra veio trazer repercussões catastróficas para a instituição-família afetando as relações interpessoais, (maternais, paternas, conjugais), **alterando até o momento em que as pessoas tinham livremente decidido o momento da formação da sua família pela via do casamento.**

No âmbito do nosso estudo sobre o impacto nas instituições sociais, decorrentes da guerra entre a Ucrânia e a Federação Russa, consideramos urgente a **reorganização das mais importantes instituições, designadamente, escola e família.** Ambas terão de oferecer uma rápida resposta às **famílias refugiadas** possibilitando a sua integração e adaptação em plenitude. É notório que os esforços se multiplicam nestas duas instituições no sentido de fazer face ao abrupto **movimento migratório** a que se assiste. As **famílias que acolheram** refugiados veem-se agora obrigadas não só a **reorganizar o seu quotidiano** de forma a que os novos membros se sintam o mais possível «em casa», como também a tentar que a **barreira linguística** não seja um entrave à comunicação. Para isso, escolas e creches estão já a preparar-se, não apenas para receber **estudantes**

refugiados, promovendo a continuidade dos estudos, como também a efetuar a contratação de professores em regime de voluntariado ou noutros regimes, para possibilitar a formação de cursos de português para estrangeiros, sensibilizando para que os novos colegas sejam **bem recebidos, evitando-se atitudes preconceituosas ou discriminatórias de qualquer tipo.**

Assim, as famílias de acolhimento, em casa, reinventam-se para possibilitar uma boa adaptação das crianças, jovens e mães **partilhando, em tranquilidade, passatempos, jogos, gostos culturais, experiências gastronómicas e gostos musicais, trocando experiências comuns, como forma de integração social.**

Não esqueçamos também o papel da **instituição -Estado**, que tendo recebido verbas específicas da **U.E para apoio aos refugiados**, deve garantir-lhes o acesso a bens básicos essenciais e cuidados de saúde que possibilitem a curto prazo a melhoria das suas condições de vida.

E apesar do acolhimento a refugiados em Portugal não ser o ideal, ou o que é idealizado pela sociedade, e até ter vindo a ser alvo de algumas críticas, a verdade é que tem sido valorizado e melhorado ao longo da última década.

12ºD – C.H. Ciências Socioeconómicas

BOMBAS, MÍSSEIS e ESCOLA...!

A escola é um **agente de socialização** fundamental para a **integração social** dos indivíduos principalmente das crianças e jovens. Exerce dois tipos de **socialização: a formal**, através da transmissão do conhecimento

científico proporciona a formação académica necessária para o exercício de uma futura atividade profissional e uma socialização mais **informal**. Ambas ocorrem num ambiente seguro.

A JANELA SOCIOLÓGICA

Um dos problemas que decorre da guerra em curso é que, pelo menos através das imagens que nos chegam, até a **escola deixou de ser um local seguro** já que também ela tem sido alvo de bombardeamentos. As crianças perderam a noção da instituição-escola como um local de proteção. Para as crianças que nos chegam voltarem a reviver a escola como um local tranquilo, afastado de ataques, bombas e mísseis, um local onde todos podem estar em segurança, será preciso implementar **políticas de integração** quer no plano escolar quer no social, e sem exclusão de qualquer faixa etária. É preciso preparar a instituição-escola (creches, jardins de infância...) para a chegada de novos alunos que vão precisar de **psicólogos** disponíveis, aulas de apoio à sua integração e aulas de português de **língua não materna** de forma a promover-se a sua socialização e **inclusão**.

É necessário também adaptar o currículo escolar, os métodos de ensino para facilitar as aprendizagens e disponibilizar aulas de apoio vocacional para que os novos alunos possam organizar o seu futuro, em condições de vida completamente novas. A sensibilização direcionada às crianças portuguesas no sentido da **não discriminação das crianças** refugiadas e das crianças russas também não pode ser descuidada pela instituição-escola, já que esta é o local mais importante na vida das crianças/jovens e tem um grande papel na construção de relações estreitas e sadias entre a escola e as diferentes comunidades. Resultante da guerra, regista-se o maior número de **refugiados** desde a II Guerra Mundial, no qual estão integrados bastantes jovens/crianças, algumas das quais a viajar sozinhas. Face às experiências vividas no palco da guerra, elas poderão vir a apresentar **dificuldades de**

integração nas escolas. A ansiedade, algumas fobias, ataques de pânico, perturbações do sono, sujeição aos barulhos de explosões, mísseis, derrocadas, o medo de ser ferido ou de ver a mãe, a avó ferida, o contacto com a situação do desaparecimento dos amigos, dos vizinhos, dos familiares até o contacto, ainda que indireto, com as **armas** e com a **morte física** poderão ser causas de **dificuldades de aprendizagem**, de situações de insucesso escolar, e conseqüentemente criar condições para o **isolamento, a segregação**.

A guerra iniciada em 24 de fevereiro tem provocado danos económicos (inflação/energias/combustíveis/alimentos) e danos materiais, físicos e psicológicos. As crianças/jovens ficaram sem casa, sem os seus bens com valor afetivo. A escola que agora os recebe será vista como novo **espaço de socialização** e terá de saber responder aos novos problemas. As **tecnologias** mais uma vez deverão ser usadas pela instituição-escola a favor da **integração social** pois facilitam a comunicação, **aproximam culturas** e realidades diferentes e ajudam outras instituições na aplicação de medidas de acolhimento dos refugiados.

As conseqüências deste conflito vão prolongar-se por muito tempo e isso vai pressionar a gestão de recursos nas várias instituições sociais, inclusive na **instituição-Governo**. Apesar disso, a escola deverá reforçar a sua ligação a outras instituições para que as crianças/jovens possam adaptar-se à mudança com sucesso, o que mostra que a escola está permanentemente a **repensar as suas funções**, procurando dar resposta aos problemas do seu tempo, mas também pode ser um poderoso **agente de mudança social**, permitindo a **mobilidade social**.

12ºF – C.H. Línguas e Humanidades.

UMA ESCOLA SOLIDÁRIA

PROJETO UCRÂNIA

A turma do 12º ano do Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância, aderindo à proposta do seu D.T., o professor Manuel Serrano, solidarizou-se com a causa ucraniana e criou um projeto de apoio à população daquele país em guerra.



O 12º G contou com o apoio de outros professores da turma e conseguiu mobilizar toda a comunidade escolar, oferecendo alfinetes com as cores da bandeira ucraniana e convidando todas as turmas da escola a colocar fitas azuis e amarelas no gradeamento da escola.



A turma do 12º ano do Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância com a professora Matilde Antunes, que também colaborou neste projeto.

UMA ESCOLA SOLIDÁRIA

PROJETO UCRÂNIA

Algumas das turmas que participaram neste projeto, ajudando a decorar o gradeamento da escola. Todos os pequenos gestos contam.



6º B



12º D

Alfredo em Movimento

Para além do apoio simbólico já mencionado, o nosso agrupamento desenvolveu uma campanha solidária de auxílio ao povo ucraniano, concretizada na recolha de bens essenciais, nos dias 8 e 9 de março.



Toda a comunidade educativa contribuiu com roupa de cama, alimentos, produtos de higiene, roupas quentes e comida para animais. Sabe bem sentir que, de alguma forma, contribuímos para mitigar a dor de um povo em sofrimento.

Dever cumprido!



UMA ESCOLA SOLIDÁRIA

Na linha das iniciativas anteriores, os alunos de EMRC dos 5^{os} e 6^{os} anos, orientados pela professora Teresa Cunqueiro, realizaram este trabalho simbólico que exprime sobretudo uma mensagem de paz.

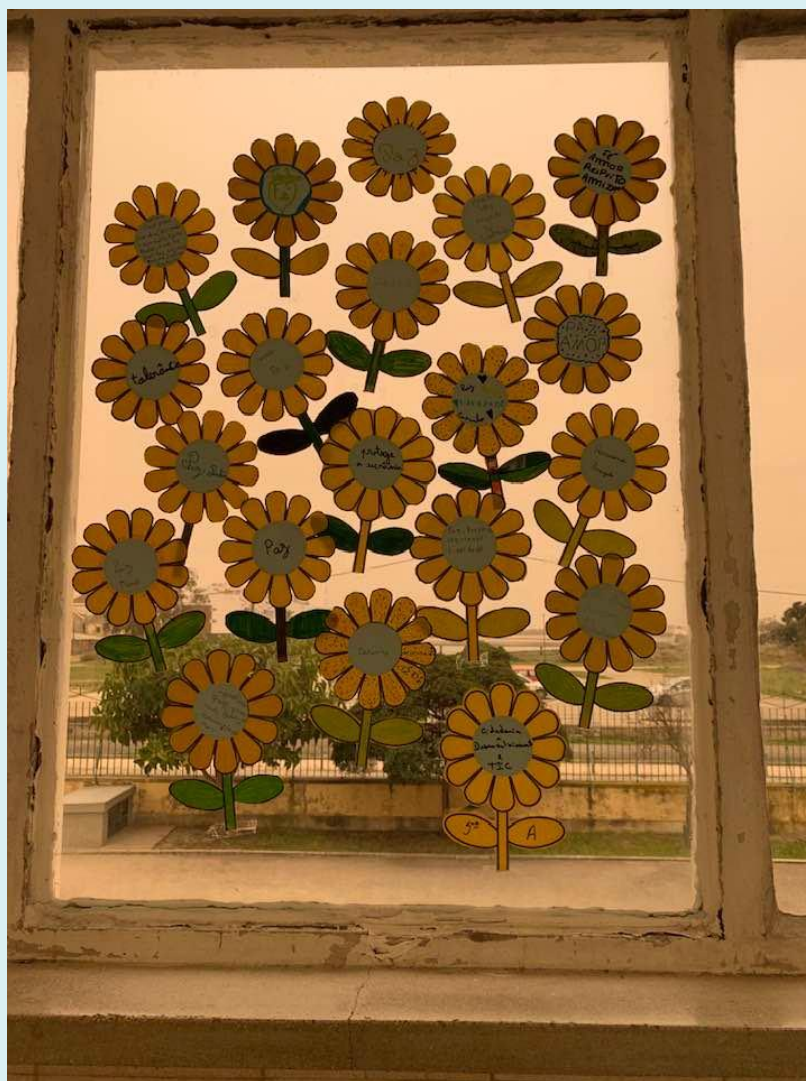


Que a pomba possa fazer chegar a paz a todos os povos é certamente o desejo dos pequenos autores deste trabalho e de todos nós.



UMA ESCOLA SOLIDÁRIA

No âmbito das disciplinas de TIC e Cidadania e Desenvolvimento, os alunos da turma A do 5º ano realizaram também uma bonita homenagem ao povo ucraniano, à qual ninguém ficou indiferente.

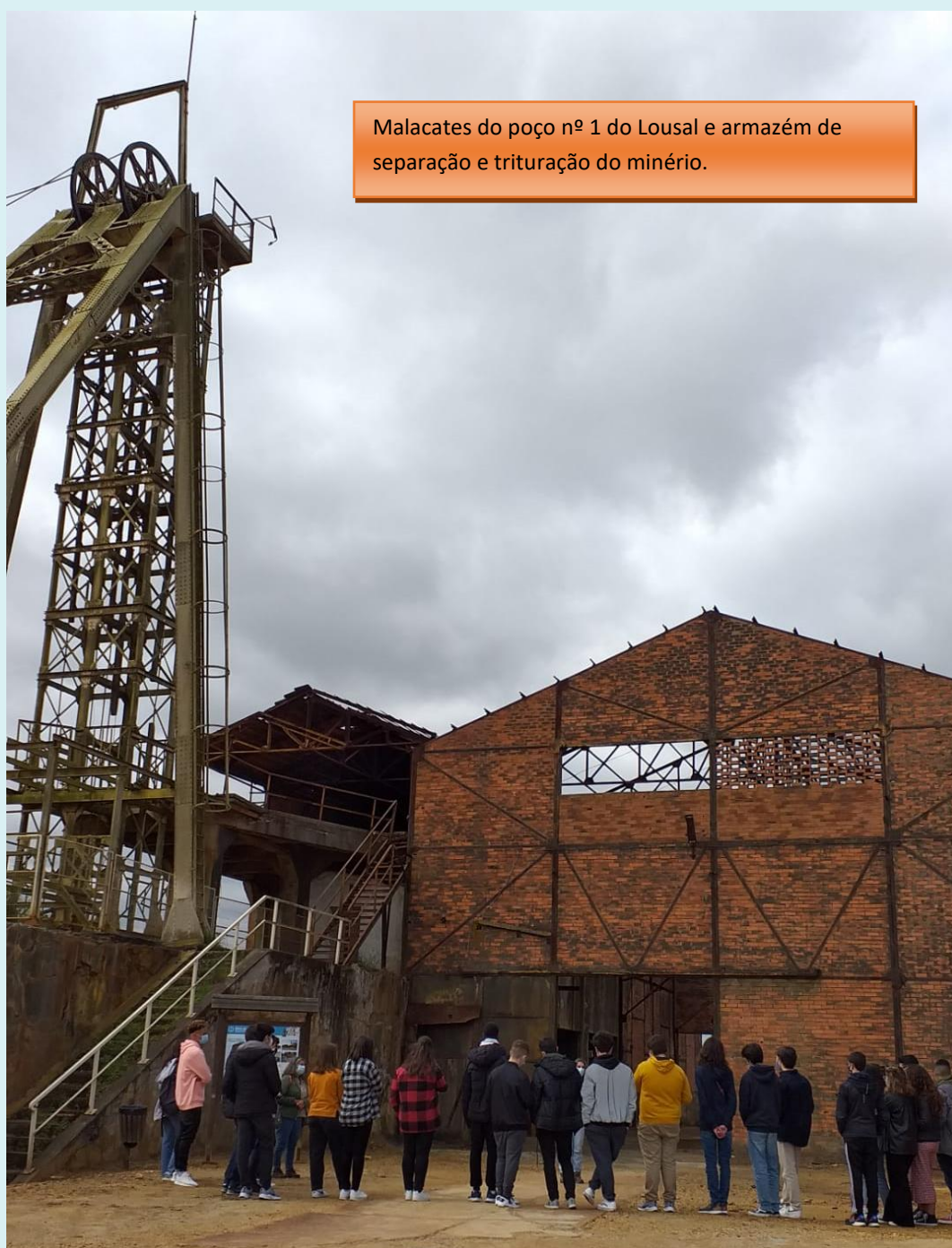


Graciosos e singelos, estes girassóis tornaram mais bonitas as nossas janelas e contribuíram para fomentar a esperança em dias melhores.



Visita de estudo ao Centro Ciência Viva do Lousal

Foi no dia 8 de abril, que um grupo de alunos do Curso de Ciências e Tecnologia da nossa escola visitou o Centro Ciência Viva do Lousal. Este Centro Ciência Viva está instalado num edifício outrora associado à atividade mineira, complexo mineiro do Lousal, que esteve ativo entre 1934 e 1992 e desde 2001 passou a desempenhar uma função exclusivamente museológica no âmbito da arqueologia industrial, tendo sofrido algumas adaptações para funcionar como espaço de divulgação da cultura científica e tecnológica.



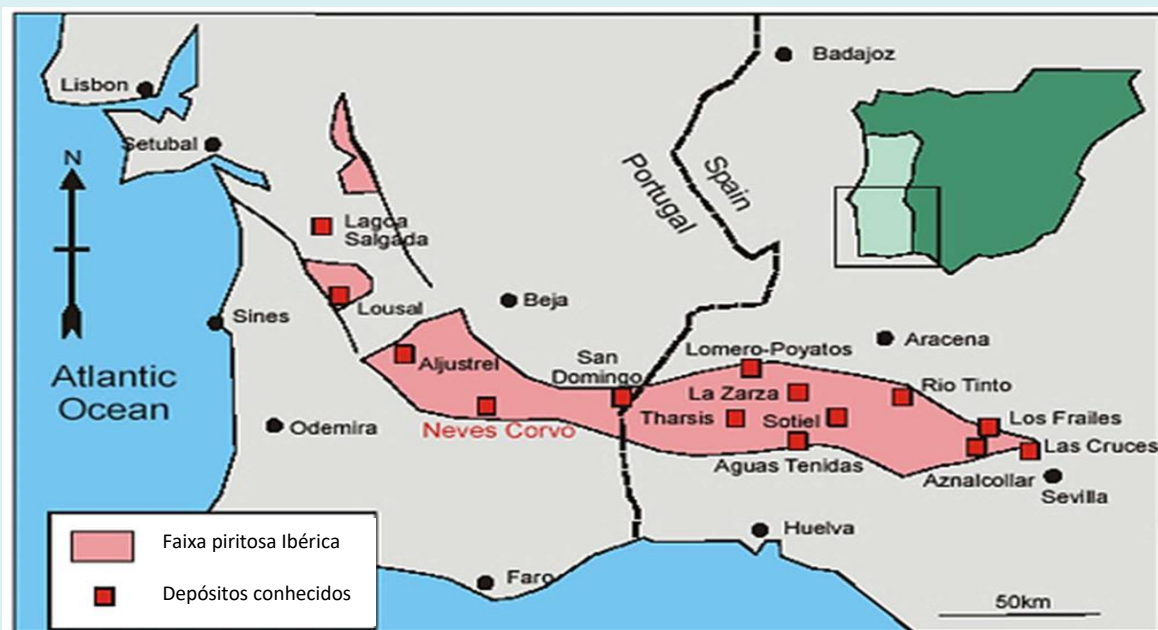
Malacates do poço nº 1 do Lousal e armazém de separação e trituração do minério.

A atividade deste centro Ciência viva tem como foco central a exploração dos recursos geológicos, a utilização destes pelo Homem e também a recuperação ambiental da atividade mineira e foi também a exploração destes assuntos o foco central da nossa visita.

Fazendo parte do programa da disciplina de Biologia e Geologia, o estudo dos recursos geológicos, especialmente os explorados em Portugal, são de extrema importância para a economia do nosso país, mas também para a história da nossa escola. **Alfredo da Silva**, o patrono da nossa escola, foi o fundador da Companhia União Fabril (CUF) que em meados da década de 1960 era o maior grupo industrial da Península Ibérica e foi possivelmente a única empresa portuguesa, que tentou explorar ao máximo as riquezas do subsolo português.

A chamada "Linha da Pirite" foi um projeto pensado por Alfredo da Silva. A partir da ustulação (queima) da pirite fabricava-se o ácido sulfúrico e desse processo resultavam cinzas ricas em cobre, zinco, cobalto, ouro, prata entre outros. Assim, surgiram no Barreiro unidades químicas de recuperação desses metais (Metalurgia do Cobre, Ouro e Prata, o TCP- Tratamento de Cinzas de Pirite, Fabrica de Oxido de Zinco etc)."

Em termos geológicos, a Pirite explorada pela CUF, pertence à Faixa Piritosa Ibérica e constitui uma vasta área geográfica do sul da Península Ibérica na designada Zona Sul Portuguesa. Tem cerca de 250 km de comprimento e 30 a 50 km de largura, desenvolvendo-se desde Alcácer do Sal (Portugal), a noroeste, até Sevilha (Espanha), a sudeste. Há 350 milhões de anos, a atividade vulcânica submarina que ocorreu nesta região deu origem a importantes jazigos de sulfuretos maciços polimetálicos (pirite, calcopirite, blenda, galena e cassiterite).



A atividade mineira, nesta região, é anterior aos romanos, que se sabe terem explorado com intensidade minas como Aljustrel, São Domingos, associadas aos chapéus de ferro, zonas superficiais mais oxidadas das massas de sulfuretos. Mais tarde, com a Revolução Industrial, no século XIX voltou a intensificar-se a exploração mineira, tendo sido exploradas principalmente as pirites. A extração de enxofre foi muito importante até aos finais da década de 50 do século XX devido à aplicação na indústria química (fabrico de ácido sulfúrico). A viabilidade económica das minas da Faixa Piritosa depende atualmente da extração de cobre, zinco, chumbo e, nalguns casos, de metais preciosos como o ouro e a prata.



Galeria mineira Waldemar

Assim, os nossos alunos, de manhã, no “Lousal a Céu aberto” visitaram a primeira galeria da Mina do Lousal, uma galeria horizontal com cerca de 300 metros de extensão e que chegou a ser utilizada como paiol, constatando as condições em que trabalhavam os mineiros no Lousal, e que agora serve, além dos objetivos pedagógicos (visitas de estudo), também objetivos científicos (estudo de maturação de vinhos alentejanos, estudos sísmicos com sismógrafos e estudos com tomografia de muões - projeto LouMu - que combina física de partículas e geofísica para mapear grandes estruturas geológicas, usando a técnica de Tomografia Muónica).



Durante a manhã constataram ainda a poluição associada à atividade mineira, quer dos solos quer das águas com a observação das lagoas vermelha e verde com águas ácidas, poluição que se mantém apesar da exploração ter cessado há décadas. Apesar do sistema de exploração ser em profundidade, apenas se extraíndo o minério através de galerias escavadas no solo, neste local e atualmente ainda existe um depósito de inertes (amontoados de resíduos mineiros sem interesse económico) que constituem a escombreira, decorrentes da atividade de mineração e devido ao seu teor metálico, ocorre a oxidação de sulfuretos, que quando em contacto com a água das chuvas, origina lixiviação de metais pesados como o Cobre (Cu), o Chumbo (Pb), o Zinco (Zn) e Arsénio (As) - Drenagem Ácida Mineira (DAM). A água drenada dessa área apresenta uma intensa cor vermelha, devido à alta concentração de metais e sais dissolvidos,

e um pH extremamente baixo (uma média de pH 2,5) juntamente com intensos processos erosivos, impedem o desenvolvimento da vegetação nativa, afetando os cursos de água a jusante através da poluição física e química e acarretando elevados custos ambientais. Os nossos alunos foram informados de que estão a decorrer vários projetos de biorremediação de forma a mitigar esse processo.



Escombreira



Lagoa vermelha

Após o almoço, os nossos alunos, visitaram vários espaços expositivos e interativos do Centro Ciência Viva, sendo, mais uma vez, realçada a importância dos recursos geológicos na nossa vida quotidiana, por exemplo no espaço “Sem terra não há carrochas” onde verificaram que na construção de um carro, se fossem retirados todos os recursos geológicos, não restaria nada!!



"Sem terra não há carochas"

Em jeito de conclusão, a visita terminou e lá regressamos à escola, bem-comportados, num autocarro repleto de Recursos Geológicos, o combustível e os estofos derivados do petróleo, todos os metais que compõem a estrutura do autocarro, derivados de minerais metálicos, todos os vidros feitos com areia quartzosa. Moral da História... os recursos geológicos não se renovam com a mesma velocidade que os consumimos, pois na geologia a maioria dos processos demora milhões de anos, por isso temos que reduzir o consumo e separar o lixo para que possa haver reciclagem, reutilizar tudo o que for possível e "rezar", pois, parece que faltam RRRRsss para salvar o nosso planeta do comportamento descuidado e leviano da maioria dos Homo sapiens que o habita.

Joaquina Mendonça

Clube Ciência Viva na Escola Básica e Secundária Alfredo da Silva

No último trimestre de 2021, foi publicado o aviso para o alargamento da Rede de Clubes Ciência Viva na Escola, conforme definido no Investimento RE-C06-i04.02 –IMPULSO JOVEM STEAM subinvestimento Rede Ciência Viva do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). Este aviso, desde logo, piscou o olho aos professores Joaquina Mendonça e José Fonseca que participaram numa reunião preparatória para a candidatura que os motivou ainda mais para aderir a este projeto. A ideia de reavivar o EBSAS Food Lab, existente na escola, no ano letivo 2020/2021, mas bastante condicionado pelas contingências pandémicas e logísticas disponíveis, veio com bastante entusiasmo, pois se a candidatura fosse aceite teríamos um espaço e materiais disponíveis para finalmente levar a bom porto o desenvolvimento da ideia inicial, promover a literacia alimentar e científica, mas com a mais valia de termos um investimento significativo para equipar a escola de material e incrementar o desenvolvimento do trabalho experimental da ciência.



O trabalho prático e experimental, a interdisciplinaridade e o trabalho colaborativo, contextualizando o conhecimento em situações que se aproximem dos problemas reais que caracterizam a ciência e tecnologia do século XXI, será imprescindível para desenvolvimento das diferentes áreas de competências, nomeadamente de saber científico, técnico e tecnológico, consignadas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Os Clubes Ciência Viva na Escola são, assim, espaços de conhecimento disponibilizados pelas escolas, desde o ensino pré-escolar ao secundário e ensino profissional, abertos e dirigidos a toda a comunidade educativa, incluindo famílias e restante comunidade local, para fomentar o acesso a práticas científicas inovadoras e promover a educação e a cultura científicas.



Com todas estas valências, os professores dos grupos disciplinares de Biologia e Geologia (Joaquina Mendonça, José Mariano Fonseca, Júlia Mendes e Mónica Ribeiro) e Física e Química (Ana Sofia Cachucho, Antonieta Rosa e Lídia Monteiro) decidiram abraçar a candidatura ao alargamento de Clubes Ciência Viva, trabalhando afincadamente para a sua concretização que ficou concluída entre o Natal e o Ano Novo.

Já em março de 2022 os resultados foram conhecidos, e temos o prazer de informar toda a comunidade escolar que a nossa **candidatura foi aprovada**. Assim, no próximo ano letivo iremos iniciar a preparação e limpeza do espaço para a montagem de todos os equipamentos adquiridos para o projeto de forma a preparar a inauguração do **Clube Ciência Viva EBSAS FoodLAB**.

O Clube Ciência Viva EBSAS FoodLAB propõe-se a instalar e dinamizar, na Escola Básica e Secundária, um espaço físico, onde se trabalhe como expoentes máximos os focos no Ambiente, na Literacia Alimentar e na literacia científica através da promoção e implementação de iniciativas junto dos alunos e da restante comunidade (escolar e local), no contexto alargado das Ciências Experimentais. O Clube Ciência viva na escola terá um conjunto diversificado de montagens experimentais que ficarão disponíveis para utilização autónoma e/ou pontual do visitante do clube, sendo também estimulado o desenvolvimento de atividades de investigação alargadas que pressupõem o acompanhamento de atividades experimentais e dos resultados das mesmas ao longo do tempo, podendo com os mesmos dispositivos serem alocadas diferentes experiências e diferentes conhecimentos consoante o nível de escolaridade e a área de investigação pretendida. Deste modo, de acordo com as solicitações dos diferentes docentes titulares das turmas poderão ser desmultiplicadas as atividades, quer a nível da área

temática a desenvolver, quer a nível da periodicidade, quer a nível do envolvimento nas montagens experimentais e nos resultados obtidos. Os alunos do secundário poderão mesmo orientar as visitas e ser estimulados a fazer parcerias de projetos científicos com os alunos dos outros níveis de ensino. Os familiares poderão ser envolvidos quer, em momentos chave como na apresentação de resultados dos projetos científicos dos seus educandos, quer ao longo do ano quando for considerado oportuno.

Existe um consenso alargado na comunidade científica de que o modo como nos alimentamos tem um extraordinário impacto nas nossas vidas e no equilíbrio do planeta, muito por causa da forma como os alimentos são produzidos e distribuídos, mas também, como resultado das opções que fazemos para nos alimentarmos. São muitos os investigadores que fundamentam que a forma mais rápida de produzirmos mudanças no decurso das alterações climáticas, será através de iniciativas que produzam uma espécie de Revolução Alimentar. Temos consciência das exigências, mas temos a experiência, o conhecimento e sobretudo o entusiasmo necessário para levar a cabo esta missão de mudança na nossa comunidade e porque não, para além do território onde nos encontramos inseridos. Com este projeto de Clube de Ciência Viva queremos experimentar “agir local para mudar global”.

Ansiamos pelo início do projeto e contamos com a colaboração de todos para as grandes mudanças que dele poderão resultar.



P'lo futuro Clube Ciência viva EBSAS FoodLAB

Joaquina Mendonça

Menção honrosa!

Dado a conhecer no número anterior, o Projeto “Jovens investigadores” tem decorrido ao longo de todo o ano. Este projeto, realizado pelos nossos alunos das turmas A, B e C do 12º ano, nas disciplinas de Biologia e Química, foi apresentado no XV Congresso Nacional “Cientistas em Ação”, no passado dia 30 de abril, no Centro de Ciência Viva de Estremoz, tendo obtido uma Menção Honrosa.

A EBSAS fez-se ainda representar, neste congresso, com outro trabalho “Reciclagem Metálica - perspetivas presentes e futuras”.

Estão todos de parabéns!



Os alunos agraciados e as respetivas docentes Ana Neves e Mónica Ribeiro.

Envolvendo as disciplinas de História e Português, as turmas E e F do 12º ano realizaram um projeto sobre o papel da mulher ao longo dos tempos. Este projeto culminou com a realização de um padlet na disciplina de História e com os textos que aqui publicamos, realizados na disciplina de Português, na sequência do estudo do conto “George”, de Maria Judite de Carvalho.

Mulher: Poder feminino ou discriminação de género?

Embora a igualdade de género esteja contemplada na lei e deva ser exercida em todos os países, existem diversas estatísticas que mostram que tal não acontece e que os homens beneficiam geralmente de um estatuto superior ao da mulher. Em alguns lugares, os direitos são institucionalizados e garantidos pela legislação, pelos costumes e comportamentos, enquanto em outros locais eles são suprimidos ou ignorados.

A discriminação ou o direito contra a mulher tem sido um dos principais obstáculos à efetividade do direito à educação. Da observação do dia a dia podemos constatar que existem inúmeras formas de discriminação da desigualdade das mulheres. Neste texto, saliento aquelas que me parecem mais óbvias, que creio necessitem de enumeração: o desemprego afeta mais mulheres que homens, os salários para as mesmas funções são mais elevados para homens do que para mulheres e as mulheres contribuem para a economia através do trabalho renumerado, entre outros.



Em suma, é necessário lutar contra todas as formas de discriminação. O sucesso das políticas e das medidas destinadas a apoiar ou a reforçar a promoção da igualdade entre os sexos e a melhoria do estatuto das mulheres deve basear-se na integração de uma perspetiva de género nas políticas gerais relacionadas com todas as esferas da sociedade, assim como na implementação, a todos os níveis, de ações com suporte institucional e financiamento adequado.

Carolina Arrais nº5 12ºF

A desigualdade de género e o desequilíbrio de poder

A desigualdade de género é a grande injustiça da nossa época e o maior desafio que enfrentamos em matéria de Direitos Humanos. No entanto, a igualdade de género oferece soluções para alguns dos problemas mais intratáveis dos nossos tempos.

Em todo o mundo, a situação das mulheres é pior do que a dos homens pelo simples facto de serem mulheres. A realidade é ainda pior para as mulheres que pertencem a certas minorias, como as portadoras de deficiência, migrantes e refugiadas.



Embora tenhamos assistido a um enorme progresso nos direitos das mulheres ao longo das últimas décadas, como a abolição das leis discriminatórias e o aumento do número de raparigas que frequentam a escola, enfrentamos agora uma forte reação em sentido contrário. Em alguns países, está a diluir-se a proteção jurídica contra a violação e os abusos domésticos enquanto noutros estão a ser introduzidas medidas que penalizam as mulheres, que vão desde a austeridade à reprodução coerciva. Os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres estão a ser ameaçados em várias frentes. O nosso mundo passa por dificuldades e a igualdade de género é uma parte essencial da resposta. Os problemas criados pelo homem têm soluções impulsionadas por humanos. A igualdade de género é um meio de redefinir e transformar o poder que trará benefícios para todos. É hora de parar de tentar mudar as mulheres e começar a mudar os sistemas que as impedem de alcançar o seu potencial.

Dinis Paixão 12 E

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

Na minha opinião, o tema das mulheres é extremamente importante.

Há séculos que as mulheres eram obrigadas a abdicar do direito de aprendizagem e da liberdade, para ficarem em casa a praticar tarefas domésticas, tendo, assim, uma vida muito limitada.



O primeiro ato exercido pelas mulheres, neste caso contra a lei, foi a reivindicação do direito ao voto. Idealizado por mulheres dos EUA e do Reino Unido na passagem do século XIX para o século XX, esse foi o primeiro passo para adquirirem voz.

Contudo, a injustiça entre os gêneros era tão desproporcional que mais mulheres lutaram pelo seu presente e pelo futuro. Uma manifestação com sucesso, mas outras estão ainda em desenvolvimento.

Nos dias de hoje, vários muros foram derrubados, já não nascemos apenas para exercer uma vida doméstica, hoje em dia nascemos para sermos alguém, para termos os mesmos direitos e para termos o melhor. Mas ainda temos todos um longo trabalho pela frente.

Luana Rocha, 12 E

Ao longo dos séculos, as mulheres sempre foram diminuídas, descredibilizadas e não foram ouvidas. Também são submetidas a situações muito desconfortáveis e frustrantes no dia a dia que causam muitos traumas. No entanto, felizmente, hoje em dia têm mais voz e mais coragem para expor essas situações para que isso não aconteça a mais mulheres, e isso merece muita admiração.

Para mim, a minha maior inspiração é a minha mãe que é uma mulher lutadora, independente e muito batalhadora. Começou a trabalhar muito cedo e teve de criar 5 filhos sozinha, apesar de tudo isso sempre deu o seu máximo para que nunca nos faltasse nada. Além disso, teve a coragem de vir sozinha para um país estranho e completamente desconhecido para que pudéssemos ter uma melhor qualidade de vida, melhores estudos e mais oportunidades. E nem sempre foi fácil porque teve que enfrentar situações muito complicadas para que conseguíssemos todos estar aqui hoje, mas conseguiu dar a volta por cima e ultrapassar todas as dificuldades. Contudo ela continua a acordar cedo, todos os dias para poder ir trabalhar para que eu tenha boas oportunidades, e é por isso que espero um dia poder retribuir tudo isso da melhor maneira possível.

Simeila Soares, 12 E



DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

A luta das mulheres pelos direitos iguais foi um processo longo e lento que se estende aos dias de hoje. Apesar do principal objetivo, a igualdade, ainda não ter sido alcançado, a busca pela conquista dos mesmos direitos é contínua.

Não há muito tempo, as mulheres eram encaradas na sociedade como um meio reprodutor, sendo as suas funções definidas como mãe, cuidadora do lar e dos filhos. Estas não tinham o privilégio de poder estudar ou trabalhar.

Com o decorrer do tempo as mulheres foram alcançando alguns direitos, mas ainda com distinção aos homens, evidenciando a sua inferioridade. Surgiram também novas possibilidades de trabalho, porém com isso, aumentou a opressão e discriminação, o que levava muitas mulheres a não largarem o caminho doméstico.

Apesar da conquista da independência social e profissional, ainda existiam barreiras, tanto no campo político-económico como das mentalidades. Mantinha-se o pensamento que a formação da mulher tinha como finalidade a função doméstica e o ambiente familiar, estando estas mentalidades ainda presentes, pois através dos estereótipos é normalizado q

A mulher nos dias de hoje

Com o passar dos anos os direitos das mulheres têm sido cada vez mais abrangentes e aceites, no entanto ainda há um vasto percurso a ser percorrido, nomeadamente sobre os seguintes temas, violência baseada em género, justiça e direitos económicos, autonomia corporal, saúde e direitos sexuais e reprodutivos (SRHR), ação feminista pela justiça climática, tecnologia e inovação para a igualdade de género e por movimentos feministas e liderança.

O Feminismo é o movimento ideológico que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem, contudo o feminismo sofre o preconceito de pensarem que as mulheres querem ser superiores aos homens sendo que o que realmente querem é igualdade entre os géneros não havendo inferiorização de nenhum deles.

Nádia Fernandes, 12F

o homem chegue do trabalho e descanse, enquanto a mulher tem de tratar das tarefas domésticas.

É notável o caminho que as mulheres já foram capazes de percorrer para a igualdade, e as conquistas alcançadas, como o direito ao voto, bem como o caminho que ainda há para percorrer, uma vez que ainda hoje em dia homens e mulheres não estão no mesmo nível



financeiro. Mas a grande mudança está na mentalidade, e isso não cabe apenas às mulheres, mas a todos.

Catarina Caleja, 12 E

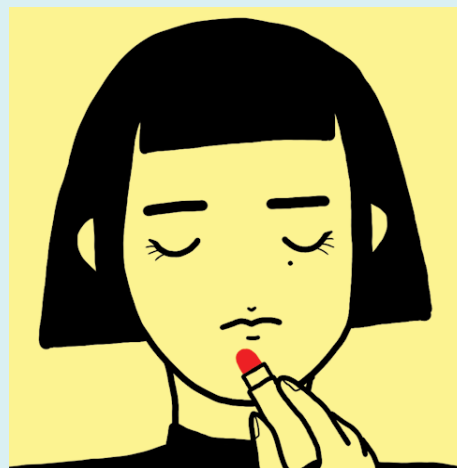
DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

A beleza de uma mulher não está nos itens periféricos, nem naquilo que o dinheiro pode comprar. A verdadeira e pura beleza da mulher vem de dentro e uma mulher bonita é aquela cuja luz emana de si, aquela que se ama por completo antes de aceitar qualquer amor alheio pela metade.

O corpo é a sua casa, a sua história é única e toda a sua força e aprendizado até aqui possui um valor incalculável. Mulheres são muito mais do que uma filha, uma irmã, a esposa ou a mãe de alguém, é algo, um ser ou uma figura própria que cultiva de si mesma a sua própria força.

Quem me dera que o mundo valorizasse mais as mulheres, seres de coração tão bom e uma empatia sem tamanho, se todas as pessoas tivessem a nossa paciência, havia mais paz. Somos fortes, mas ao mesmo tempo delicadas, é como se fossemos um equilíbrio perfeito de coisas distintas.

E se um dia, passado tantos anos de luta, alcançarmos a igualdade que tanto merecemos, o mundo vai perceber a verdadeira importância de uma mulher e as qualidades que temos para acrescentar a esta sociedade e que vão muito além de uma cara bonita.



Doris Justo, 12 E

Igualdade de género

Fala-se muito de desigualdade de género no ramo de trabalho, mas isto só se torna uma realidade quando existem iniciativas contra as desigualdades entre os homens e mulheres.

Hoje em dia muitas empresas ainda ignoram este tema, sem sequer perceberem que acabaram por adotar certas políticas de desigualdade de género, racismo etc...

É preciso existir o reconhecimento de que as mulheres merecem oportunidades iguais às dos homens.

E é preciso entender que há sim diferença entre o feminino e o masculino, mas estas diferenças não têm nada a ver com uma superioridade, têm a ver com a questão de se diferenciarem e podem até ser complementares.

A verdade é que não somos iguais, somos diferentes na sensibilidade, nas habilidades, no corpo e nos sentidos. Queremos que estejam ao nosso lado como aliados, na nossa luta pelo respeito absoluto das nossas características.

Rita Gouveia, 12 E



MARIE CURIE

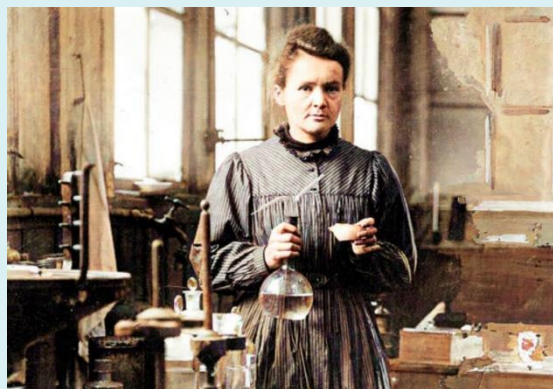
Marie Curie (1867-1934) foi uma cientista polaca. Descobriu e isolou os elementos químicos, o polónio e o rádio, junto com Pierre Curie. Foi a primeira mulher a ganhar o Prémio Nobel de Física e a primeira mulher a lecionar na Sorbonne.

Infância e Juventude

Manya Salomee Sklodowska, conhecida como Marie Curie, nasceu em Varsóvia na Polónia, no dia 7 de novembro de 1867. Filha de um professor de Física e Matemática do ginásio de Varsóvia e de uma pianista. Com dez anos ficou órfã de mãe. O seu pai perdeu o emprego por falar abertamente a favor da independência da Polónia. Para sustentar os quatro filhos, ele abriu uma escola que funcionava precariamente.

Marie Curie foi uma das mulheres a mudar a história e os rumos do estudo da radioatividade, bem como mostrou ao mundo o valor intelectual e a riquíssima contribuição que as mulheres podem fornecer ao mundo científico, o qual era, outrora, de carácter predominantemente masculino.

Marie Curie foi a primeira pessoa a receber o prémio Nobel duas vezes, um em Física, ao demonstrar a existência da radioatividade natural em 1903, e o outro em Química, pela descoberta de dois novos elementos químicos em 1910. Desde a infância, Marie Curie aprendeu a enfrentar e vencer desafios impostos pela sociedade e pelas condições de vida, sendo um grande exemplo como cientista para homens e, principalmente, para as mulheres, pois mostrou que elas são capazes de promover descobertas tão ou mais importantes."



Doença e Morte

Toda a dedicação de Marie Curie à ciência teve um preço: após anos trabalhando com materiais radioativos, sem nenhuma proteção, ela foi acometida por uma grave e rara doença hematológica, conhecida hoje como leucemia.

Marie Curie faleceu perto de Sallanches, França, no dia 4 de julho de 1934.

Jéssica 12ª E

Hedy Lamarr

Nascida em Viena em 1914, Hedy Lamarr era uma judia que se casou com o homem mais rico da Áustria, um fabricante de armas que fazia negócios com as ascendentes elites fascistas e nazistas. Fugiu do casamento que tinha com este e foi para os Estados Unidos. Tornou-se uma das atrizes mais bem pagas da sua época e inventou um sistema de comunicações de torpedos que hoje é a base para tecnologias como Wi-Fi e Bluetooth.

Durante a Segunda Guerra Mundial, criou um sofisticado aparelho de interferência de rádio para despistar radares nazis, usando o seu verdadeiro nome, Hedwig Eva Maria Kiesler. A ideia surgiu ao lado do compositor George Antheil à frente de um piano. Ela repetia noutra escala as notas que este tocava, ou seja, duas pessoas podiam conversar entre si mudando frequentemente o canal de comunicação, bastava que o fizessem em simultâneo. A ideia deste aparelho de frequência serviu de base para a moderna tecnologia de comunicação, tal como COFDM usada em conexões de Wi-Fi e CDMA usada em chamadas.



Joana Castro, 12 F

Alfredo em Movimento

Rosa Parks

Rosa Louise McCauley, mais conhecida por Rosa Parks, foi uma ativista negra norte-americana, que foi símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos da América.

Ficou na boca do mundo por se ter recusado a obedecer a uma lei segregacionista, esta que defendia que pessoas negras e brancas deveriam estar separadas em todo o tipo de instalações públicas, por não se ter levantado do seu lugar num autocarro no dia 1 de dezembro de 1955, em Montgomery Alabama.

Apesar de não ter sido a única mulher negra a ter este impulso para se opor contra esta lei segregacionista e ao racismo nos EUA, foi a sua história que mais teve atenção, e foi um dos acontecimentos que fez parte do Movimento dos Direitos Civis dos Negros nos Estados Unidos (American Civil Rights Movements).

Assim, Rosa Parks fez-nos acreditar e pensar que podemos e devemos lutar pelas nossas crenças e não tolerar atos quotidianos de injustiça e opressão. Uma das suas frases bastante famosa e conhecida é: “Devemos ter coragem, determinação, para continuar com a tarefa de nos tornarmos livres, não apenas para nós mesmos, mas para a nação e o mundo, cooperar uns com os outros. Ter fé em Deus e em nós mesmos.”

Deste modo, esta ativista teve um grande impacto e importância na história da Humanidade não só por ser mulher, mas também por ser negra.



Anaísa 12F

Malala Yousafzai

Malala é uma mulher que admiro imensamente por todos os feitos que ela já alcançou. Com apenas 19 anos foi eleita mensageira da paz da ONU, ao receber este prémio, destacou a importância do investimento na educação para a transformação da sociedade.

Malala é mundialmente conhecida por defender o direito das meninas à educação. Atualmente, é quase impossível falar sobre direitos e educação sem nunca ter ouvido este nome, o seu objetivo remete para que haja uma mudança significativa no mundo e para que cada vez se tenha mais mulheres no poder em posição de igualdade.



Inês Lampreia, 12 F



Jane Fonda

Lady Jane Seymour Fonda nasceu a 21 de dezembro de 1937, em Nova Iorque, Estados Unidos da América. O seu pai, prestigiado ator americano, impulsionou a carreira da filha que se estriou na peça *The Country Girl*, em 1954. Após a sua apresentação foi estudar Artes para a Europa, acabando por regressar em 1957 para trabalhar como modelo, tendo sido a capa da *Vogue* americana. A sua carreira continuou a crescer tendo participado em peças da *Brodway* e em filmes como *Tall Story (Adeus, Inocência, 1960)*, *La Ronde (1964)* - pela direção do seu primeiro marido Roger Vadim, pai da sua primeira filha, Vanessa Vadim-, a adaptação de *Barbarella (1968)*, entre outros. Foi na altura da estreia deste último filme que Jane causou bastante histeria ao classificar as entidades governamentais americanas como criminosos de guerra, pela sua atuação na Guerra do Vietname.

Em 1969, divorciou-se do seu primeiro marido e aceitou a proposta para participar no filme *They Shoot Horses, Don't They? (1969)*, participação essa que lhe valeu a nomeação para o Óscar de Melhor Atriz. Porém só viria a vencer nesta categoria dois anos depois, em 1971, com a sua participação na obra *Klute (1971)*. Nesse mesmo ano, acabou por se afastar da vida de atriz e passou a acompanhar o seu marido Tom Hayden, político liberal, dedicando-se ao ativismo. Desta relação acabou por nascer, em 1973, o segundo filho da atriz, Troy Garity, e o casal decidiu, também, adotar Mary Luana Williams.

Regressou ao cinema em 1977, e em 1978, com a sua atuação em *Coming Home*, o primeiro filme a retratar as consequências da Guerra do Vietname, venceu o seu segundo Óscar. Após esta vitória seguiram-se outras indicações para Melhor Atriz Secundária e Melhor Atriz para outros papéis desempenhados pela atriz. Contudo, em 1991,

anunciou a sua retirada do mundo do cinema, dedicando-se à produção de vídeos de ginástica aeróbica e preparação física. Nesse mesmo ano tornou a casar com o



multimilionário Ted Turner, na época dono da CNN. Contudo, em 2000, a relação terminou com o divórcio do casal.

Jane Fonda é, sem dúvida, um ícone do mundo das Artes, destacando-se também, pela ação ativista por causas sociais e políticas, como a já referida responsabilização do governo americano na Guerra do Vietname. Destaca-se, da mesma forma, a sua luta pelos direitos dos nativos americanos, assim como pelos direitos das mulheres, sendo uma das cofundadoras da organização *Women's Media Center*, criada em 2005. Trata-se de uma organização não governamental e sem fins lucrativos, com o propósito de aumentar a visibilidade e a participação da mulher nos *media*, garantindo, assim, que as suas vozes sejam ouvidas e tidas em consideração. É, ainda, fundadora da *Georgia Campaign for Adolescent Power & Potential*, uma organização que trabalha conjuntamente com escolas e associações de atendimento aos jovens para promover um estilo de vida saudável, criada em 1995. Ainda assim, é na luta pelas causas ambientais que Jane se destaca mais: em 2019 foi quatro vezes detida na sequência de protestos pelo movimento americano, *Fire Drill Fridays*, por si

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

liderado, onde apela à ação urgente do governo em relação à situação alarmante das alterações climáticas. A 8 de setembro de 2020 lançou o seu livro *“What Can I Do? My Path From Climate Despair To Action”*, onde detalha a sua participação no movimento e dicas para combater a crise climática. Foi vista no grande ecrã pela última vez no filme de comédia *Book Club*, em 2018, e nesse mesmo ano estreou, também, *Jane Fonda in Five Acts*, um documentário da plataforma *streaming* HBO, onde narra a sua vida e ativismo, o que lhe concedeu uma indicação ao *Emmy* na categoria de Melhor Documentário ou Especial de Não-Ficção, em 2019.

Em suma, Jane Fonda é uma das maiores figuras do cinema, que utiliza a sua

influência pública e carisma para alertar para as desigualdades sociais e alterações climáticas que afligem a Humanidade e colocam em causa a continuidade da vida na Terra.



Filipa Silva, 12 F

Frida Kahlo, ícone dos movimentos feministas

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón foi uma pintora mexicana que criou muitos retratos e autorretratos. Inspirada pela cultura popular do país, ela empregou um estilo de arte popular para explorar questões de identidade, de género, de raça e de empoderamento feminino na sociedade mexicana. Foi uma artista controversa (para o tempo em que viveu) talvez devido às inquietações vividas.

Apesar de ter morrido com 47 anos, em 1954, foi um ícone pelas suas manifestações incitadas pela arte de uma mulher empoderada que se dedicou a pintura e à política, algum bastante incomum naquela época.

Por volta do ano 1990, ela tornou-se figura reconhecida na história da arte, mas também um ícone para o México e para o mundo, com os movimentos feministas, a sua forma inalcançável de retratar a figura feminina, bem como o apoio de movimentos LGBTQ.



Frida é um ícone feminino por refutar e se rebelar contra o estereótipo da feminilidade imposta às mulheres pelo patriarcado, despadronizando a mulher. Assim sendo, ela fumava, praticava boxe, bebia e vestia-se como um homem num retrato de família, recusava alterar os seus traços “masculinos”, incluindo o seu bigode, que sempre exaltou nos seus autorretratos. No entanto, ela ainda abraçava a sua feminilidade, usando vestidos coloridos e adornando o seu cabelo com tranças e flores.

Ela pintou mulheres reais e experiências factuais, retratou situações que deveriam ser encaradas com naturalidade, mas são um tabu na sociedade, nomeadamente aborto, o parto, a amamentação. Com fortes convicções e comprometida com seus ideais, expôs a sua bissexualidade e o seu casamento, destacou-se pela sua excentricidade e ousadia e pela forma honesta como exibiu a maternidade frustrada e menosprezada. Lutou corajosamente para obter independência económica do ex-marido.

Deste modo, contribuiu para a continuidade da atribuição dos merecidos direitos à mulher, para a igualdade de género e de oportunidades e para dissolver os paradigmas machistas (estereótipos e preconceitos) de que a mulher é alvo no seu quotidiano.

Maria Inês Contreiras, 12F

Todas as Mulheres

Quando penso em mulheres que fazem ou fizeram a diferença no mundo, ocorre-me logo a Emma Watson, Malala Yousafzai, Angela Merkle, entre outras; no entanto, quando penso numa figura feminina que me inspira enquanto mulher numa sociedade machista – extremamente machista na época e bastante machista ainda - não posso deixar de considerar a grande autora Mary Shelley, mais conhecida por ter escrito a tão famosa obra literária Frankenstein.

Para quem possa não conhecer esta figura feminina, Mary Wollstonecraft Shelley, nascida a 30 de agosto de 1797 em Londres e filha da conhecida filósofa feminista, professora e escritora Mary Wollstonecraft e do filósofo, novelista e jornalista de renome William Godwin, para não mencionar que também foi casada com o poeta romântico e filósofo Percy Bysshe Shelley, foi uma criança orfã de mãe que viveu uma infância formal e impessoal, restringida pelos ideais paternos; que lutando por algo mais, fugiu do país em nome da liberdade do coração e que se tornou, por fim, numa mulher que não se deixa subjugar pelas vontades masculinas nem se deixa revestir de banalidades e futilidades como as outras mulheres da época, pelo que Shelley tinha ideias, voz e ambição, procurando fazer-se ouvir (o que conseguiu através da escrita).

Mary Shelley foi uma mulher que, tendo em atenção a sua história, representou bem o que é ser mulher em todas as suas versões. À vista da sociedade, a mulher que se deixa guiar pelas vontades das figuras masculinas, que se subjugam pela imposição paternal e que deve seguir os conselhos impostos das senhoras mais velhas. Contudo, ser mulher é muito mais do que isso, se não tudo o oposto. Tal como se observa pelo reconto da vida desta autora, as mulheres sempre tiveram de lutar por tudo e dessa forma é que, na minha opinião, Mary Shelley é e será um exemplo de mulher, pois ela lutou para se fazer notar numa sociedade onde o homem era

a figura central. Shelley foi uma mulher que, como já foi mencionado, fugiu de casa por amor, sabendo que o homem por quem ela tinha fugido era casado; uma mulher que perdeu três filhos de seguida, sendo que nenhum deles passou da infância; uma mulher que ignorada pelo pai publicamente; uma mulher que, mesmo depois de ter escrito o que é uma das suas melhores obras literárias e então um clássico dos tempos de hoje, foi aconselhada veementemente a não pôr o seu nome na obra ou pôr, então, o do marido se de facto queria publicar algum livro, pelo que nenhuma editora lhe reconheceu como a verdadeira autora e o livro foi primeiramente publicado anonimamente. Contudo, Mary Shelley também foi uma mulher que se manteve firme nas suas convicções, que nunca desistiu, que acreditou no amor e procurou nunca se deixar conformar com as imposições da sociedade relativamente a uma mulher; e, no fim, Mary conseguiu ter o seu livro publicado com o seu nome na livraria do seu pai.

Há muitas mulheres que lutaram pelos direitos enquanto cidadãs e há muitas mais mulheres que ainda lutam pelo mesmo; no entanto, quando se fala de grandes figuras femininas, fala-se sempre das mesmas, sem considerar outros possíveis exemplos. Percebo que se dê mais ênfase às que fizeram algo mais notório ou público, mas relembro que todas nós, por muito pouco que posso parecer a nossa influência nesta luta pela igualdade ou pelo reconhecimento da mulher como cidadã, também somos grandes mulheres, que estamos a fazer a diferença à nossa maneira, como por exemplo aos estarmos aqui a falar disto. Por isso, e por muito que admire a famosíssima autora Mary Shelley, eu, acima de tudo, admiro todas nós, pois somos mulheres com todas as letras maiúsculas. **MULHERES.**

Kássia Santos, 12 E

Pocahontas, uma princesa moderna

Pocahontas é a minha princesa da Disney favorita. Ela pertence à Walt Disney Pictures e surgiu no filme de 1995, do mesmo nome. Ela é a primeira princesa americana da Disney, e também é a primeira personagem a ter dois interesses amorosos. É baseada na índia Matoaka, mais popularmente conhecida como Pocahontas.

As primeiras princesas da Disney são do tempo em que se considerava que a mulher devia arranjar um marido, ser responsável pela lida doméstica e tomar conta dos filhos. Mas desde Pocahontas, em 1995, a Disney trouxe para o cinema outro tipo de princesa, reconhecidas por serem personagens fortes, corajosas, guerreiras e independentes.

Pocahontas é uma das maiores representantes do feminismo da Disney, pois ao contrário das outras princesas, cujo único propósito era esconderem-se da bruxa má ou da madrasta e encontrar o amor verdadeiro, ela escolhe o seu próprio destino e nega o seu príncipe. Ela é livre, confiante e corajosa, e todas as lições que ensina têm a ver com amor, respeito e igualdade, e ainda, ao contrário do habitual: o príncipe salva a princesa, ela salva-se a si e ao seu parceiro amoroso.



As princesas da Disney têm vindo a evoluir muito ao longo dos anos, acompanhado os direitos que as mulheres têm vindo a alcançar. Desde princesas indefesas que se escondiam e esperavam ser salvas pelo príncipe encantado, até princesas mais independentes, fortes e corajosas. A evolução das princesas da Disney ajudou a divulgar conceitos do feminismo, fazendo com que diferentes pessoas se sintam aceites, pois agora as raparigas que assistem aos filmes conseguem identificar-se com as princesas mais recentes, pois estas fogem totalmente aos valores tradicionais conservadores de que a mulher não devia ir à escola, trabalhar, votar, entre outros, pois antigamente esse papel era unicamente do homem. Já o papel da mulher era ficar em casa a cuidar dos filhos e dos trabalhos domésticos.

Inês Rodrigues N°13 12°F

Michèle Mouton

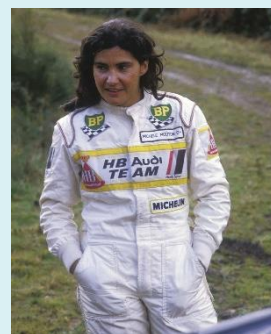
Michèle Mouton, nascida no dia 23 de junho de 1951 em Grasse, foi a primeira e até hoje a única mulher a vencer uma etapa do campeonato mundial de Rali (WRC), em Sanremo (1981).

No ano seguinte, terminou a época atrás do primeiro colocado.

Foi uma mulher presente no mundo automobilístico de 1974 a 1986. Representou equipas como a Fiat e Audi em 50 ralis mundiais com 4 vitórias, 9 pódios, colmatando em 160 vitórias em etapas e 229 pontos. O seu primeiro rali mundial foi em 1974, o rali da Córsega e o último em 1986. A primeira vitória é alcançada em 1981 em Sanremo, a última vitória em 1982 no Brasil.

Em 1979, participou nas 24 horas de Le Mans numa equipa feminina.

Michèle Mouton é dos exemplos mais marcantes para as aspirantes automobilísticas femininas e constitui a prova viva de que as mulheres podem alcançar igual ou melhor que a parte masculina, num dos desportos controlado na sua quase totalidade por homens.



Rafael Condinho, 12 E

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

No âmbito da Cidadania e dos DAC e inserido no estudo da Farsa de Inês Pereira, os alunos do 10º ano, turma B, foram ao Teatro Municipal do Barreiro assistir à peça *Girls like that*.

Para além do 10º B, participaram na atividade alguns alunos do 11º E, um aluno do 11º D e um aluno do 10º D.

“Girls Like That explora as pressões sobre os jovens de hoje com o avanço da tecnologia. Quando uma foto de um nude da estudante Scarlett se torna viral e se espalha por todos os telemóveis da escola, a sua reputação é posta em causa e a amizade com as raparigas com quem cresceu fica ameaçada.”



Os textos que se seguem resultam igualmente do trabalho efetuado nos DAC e no âmbito do estudo da Farsa de Inês Pereira.

Elas e os livros; os livros e Elas

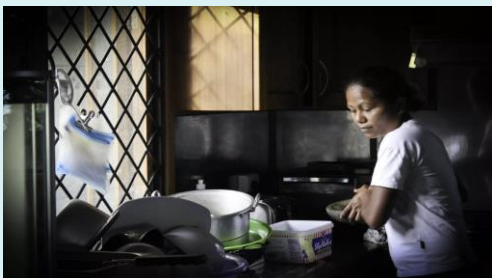
Sabia que pelo menos 62 milhões de raparigas no mundo não têm acesso à educação?

As mulheres representam dois terços dos 758 milhões de adultos analfabetos do mundo.



DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

Porque é que nós nos decidimos focar nas mulheres?



É do conhecimento de todos que as mulheres são alvo de discriminação, não só a nível educacional, mas também social e cultural. Essa discriminação, juntamente com a pobreza, são os dois grandes obstáculos no acesso das mulheres à educação.

Governos e comunidades que defendem uma ideia estereotipada da mulher, onde a sua única função se resume a atividades domésticas e a casamentos precoces que levam a gravidezes em idades muito jovens, doenças sexualmente transmissíveis (DST), violência doméstica e práticas prejudiciais, como por exemplo, mutilação genital feminina acabando, assim, com as poucas possibilidades que uma mulher nascida sobre tais condições tem de prosseguir os estudos.

Tudo isto acontece, pois é negada às mulheres uma oportunidade de se instruírem através da educação básica que a escola tem para oferecer, desde a aquisição de hábitos saudáveis que promovam prazos de vida mais duradouros a um senso crítico que lhes permitirá exercer os seus direitos, ou pelo menos ter conhecimento dos mesmos, fazendo das mulheres seres independentes e altruístas. A educação aumenta o salário das mulheres e leva a um crescimento económico mais rápido.

Infelizmente, não basta atingir uma certa idade para que as mulheres se tornem vítimas de toda esta opressão. 17% dos 258 milhões de crianças que não têm acesso à educação são raparigas, que por viverem em países como o Bangladesh, a Nigéria, República do Chade, Sudão do Sul, entre outros, que aprovam o casamento infantil acabam por engravidar e ficam automaticamente proibidas de frequentar a escola. Quase nenhuma completa o secundário. É conveniente para culturas machistas que as raparigas não tenham conhecimento das oportunidades e direitos que as rodeiam. Em vez disso, são criadas desde cedo com o objetivo de servir. Nestes países, o índice de natalidade é alto, bem como os níveis de mortalidade infantil e de mortalidade no parto, e consequentemente, o índice de mortalidade feminina também.

A persistência da pobreza extrema é também um fator imprescindível quando olhamos para os porquês de toda esta situação.

A falta de investimento em serviços públicos, cuidados de saúde, como na vacinação e a nutrição, água potável e saneamento tornam estas populações mais vulneráveis a contrair doenças.



A África Subsaariana apresenta a pior realidade, com as mais altas taxas de crianças na pobreza, pouco abaixo de 50%, e a maior parcela mundial de crianças muito pobres chegando aos 51%, diz a UNICEF. Segue-se o Sul da Ásia com perto de 36% e mais de 30% das crianças pobres estão na Índia. A China só tem 2% das crianças em pobreza extrema.

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

A mão de obra infantil, uma das principais consequências da pobreza extrema, resulta do baixo rendimento familiar. Nestas famílias, a quantidade de filhos é enorme e a dificuldade em promover bens de consumo essencial bem como lazer torna-se cada vez maior, manifestação da vulnerabilidade social.



As crianças começam a trabalhar cada vez mais cedo para não morrerem de fome. Em contrapartida, deixam de poder frequentar os estabelecimentos de ensino com frequência, mesmo que estes não possuam as condições necessárias para um ensino de qualidade.

Como mencionado anteriormente, a falta de instrução dos pais aumenta a propensão das crianças à entrada no mercado de trabalho. A visão de que a escola oferece poucas perspectivas de melhores condições de vida faz com que muitos jovens, no ensino secundário abandonem por completo os estudos e ingressem de vez no mercado de trabalho.



Crianças em contexto socioeconómico mais elevado estão predestinadas a prosseguir estudos no ensino superior e a terem um maior sucesso académico já que lhes são proporcionados os cuidados, educação e momentos de lazer de qualidade e essências ao longo do seu desenvolvimento físico e cognitivo. O trabalho infantil, felizmente, não é um termo comum no dia a dia dessas crianças.

"Onde as crianças dormem" é um ensaio fotográfico de James Mollison que retrata as diferenças vividas entre crianças de contextos socioeconómicos diferentes e como crianças da mesma idade podem estar sujeitas a realidades tão distintas.



Alfredo em Movimento

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

Por sua vez, mulheres com mais instrução formam famílias menores, mais saudáveis e instruídas.

Na América Latina, na Europa, no Leste da Ásia e nos EUA, a percentagem de meninas em instituições de ensino superior superou a dos seus colegas do sexo masculino, o que mostra que as meninas são capazes de alcançar o topo quando lhes são conferidas oportunidades. As realidades são diferentes. Mas as capacidades são as mesmas.

Existem, no entanto, mulheres dispostas a proporcionar oportunidades a outras mesmas mulheres e a ajudá-las a escreverem um novo capítulo.

Em 6 anos, a fundação criada por Safeena Husain já colocou 58 mil raparigas dos 6 aos 14 anos a frequentar a escola. A organização investe na capacitação dos professores com métodos de ensino e técnicas. Conta com 5 mil instituições públicas.



Gulalai Ismail, que aos 16 anos, juntamente com a sua irmã criou uma ONG (organização não governamental) e fundou a "Aware Girls", organização que promove o acesso igualitário à educação, ao trabalho, à saúde e a outros serviços públicos.



Ann Cotton, uma empresária e filantropia galesa, fundou uma organização internacional que é voltada à educação das meninas em países africanos, Camfed. Os programas de camuflagem atuam no Zimbábue, Zâmbia, Gana, Tanzânia e Malawi.

Referências Bibliográficas:

[Dois terços dos analfabetos do mundo são mulheres \(dn.pt\)](#)

[Há 385 milhões de crianças a viver na pobreza extrema \(dn.pt\)](#)

[A importância da educação para as mulheres de países em desenvolvimento | UniBH](#)

[Causas do Trabalho Infantil \(fundacaotelefonicao.org.br\)](#)



Pesquisado e Escrito por: Ariana Ialá, Alice Cruz, Marina Oliveira, Beatriz Rosa, 10ºB.

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

Direito à educação

No mundo moderno será que todas as pessoas, independente de género, estatuto social e económico têm direito igual no acesso à educação?

Infelizmente a resposta é não; qualquer seja a desculpa, acaba sempre por ser deste tipo: és/tens isto, logo não tens direitos. Quer seja por ser mulher, por ser de cor de pele escura, por ser pobre ou por ter o cabelo de uma cor diferente do habitual, a verdade é que se arranjam maneiras de excluir pessoas do direito à educação.

Um dos casos mais populares é o caso da religião islâmica onde a mulher é (aos olhos do ocidente) tratada como objeto e é obrigada a cobrir-se e não pode ir à escola. Um exemplo deste caso seria a história de Malala Yousafzai, uma menina com origem num país islão que lutou para as mulheres terem o direito à educação.

(Malala a discursar para a ONU)



Malala foi responsável pela abertura de diversas escolas que ensinavam mulheres na sua região natal, Vale do Swat, no Paquistão. Para silenciá-la, tentaram matá-la com três tiros, mas ela sobreviveu e teve a chance de discursar para as nações unidas.

O caso do islamismo não é único e não são só mulheres afetadas. Durante muitos anos, pessoas de cor escura foram escravizadas e tratadas como inferiores e só relativamente recentemente é que conseguiram os seus direitos, mas mesmo assim, o racismo ainda existe tanto em Portugal como no mundo inteiro. Na África do Sul, o apartheid é um bom exemplo do tópico em questão, mesmo que já abolido (em 1994), onde houve uma separação entre pessoas de pele branca e pele escura, para que as pessoas de pele escura fossem menosprezadas, tirando-lhes o acesso a educação superior.

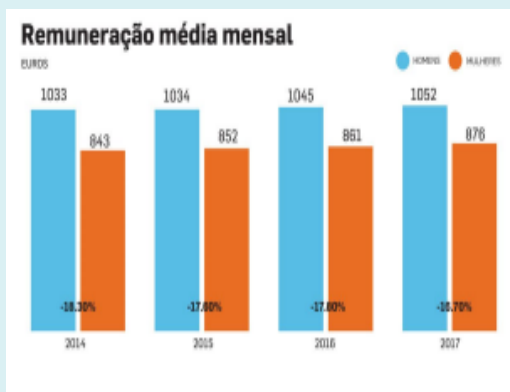


(“para uso de pessoas brancas” sinal de proibição no apartheid)

Mesmo só referindo dois exemplos, acreditamos que sejam suficientes para alertar para a falta de igualdade no que se trata à educação, mesmo numa era a que nós chamamos “moderna” e “livre”.

Trabalho realizado por: **Daniel Batista, Gabriel Bôto, Joana Charruadas, José Mendes, 10ºB**

A (des)igualdade de género na sociedade



Com o decorrer dos anos, crescemos a ouvir que somos todos iguais, no entanto, essa verdade torna-se questionável quando vemos oportunidades a serem dadas facilmente ao sexo masculino desde a educação ao trabalho, enquanto as mulheres têm que lutar contra diferenças de salário, precariedade e falta de liberdade para obter metade, e às vezes nem isso, do que é oferecido a um homem.

E dentro desta guerra entre géneros, ainda há desequilíbrios dentro do famoso "sexo frágil", uma disputa de direitos originada pelas condições que um país pode oferecer às suas mulheres. Nós, avós, mães, filhas dos países desenvolvidos apesar da pouca liberdade que nos é dada, esta torna-se imensa e valiosa em comparação com a das nações esquecidas pela evolução. E se é assim, porque é que priorizam as nossas dificuldades que aos olhos das mais desfavorecidas são tudo o que imaginam ter?

Meninas são mais do que dobro de meninos entre jovens fora da escola e sem atividade remunerada

17 DE MARÇO DE 2018

Antes de mais, para podermos estabelecer comparações entre cenários de vida opostos, em termos financeiros, sociais entre outros, devemos começar por ter como conhecido o facto de que a taxa de desistência escolar feminina em Portugal no ano de 2021 ter sido de 4,1%, mulheres, estas que apresentam idades entre os 18-24 anos. Os motivos desta desistência de estudos superiores baseiam-se em dificuldades de saúde, necessidades especiais, problemas pessoais e/ou familiares, más relações com os professores, colegas de escola e clima escolar negativo, por exemplo, a existência de bullying e a insatisfação com os resultados obtidos.

Descendo para os países menos desenvolvidos, existe, sem espaço de dúvidas, uma grande diferença no que se trata de taxas e causas. Para termos uma ideia, neste momento, 16 milhões de mulheres vivem sabendo que nunca terão hipótese de ir à escola representando, por isso, dois terços da população analfabeta mundialmente. E mesmo quando matriculadas, a discrepância de direitos em relação ao sexo oposto permanece.

Podem estar nas salas de aula, mas a invisibilidade, opressões e violências recaem, sobretudo, sobre elas. Tudo isto por terem nascido mulheres.

Outra noção importante para se ter em conta é que na África Subsaariana, a taxa de escolaridade do sexo feminino no ensino secundário é 9% mais baixa que a dos homens, ou seja, uma diferença de 2 milhões de raparigas não matriculadas. No Brasil, há mais de 1,7 milhões de meninas e mulheres de 15 a 29 anos que não completaram o ensino médio, não estudam e não exercem atividade remunerada.

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC



Direito do aborto em alguns países do continente africano.

UN world population policies database (2013 revision)

Porém, estes fenômenos derivam de diversos motivos, sendo que estes provêm de acordo com as condições que cada país tem para oferecer. Por exemplo, na região sudeste da Somália influenciam negativamente sobre a educação as inundações sazonais, conflitos étnicos entre os residentes das zonas fronteiriças e os conflitos internos do país. Em 2012 houve uma grave inundação que destruiu muitas escolas da zona.

Nas áreas do leste de Hararghe, atingidas pelo conflito, ficaram sem ir à escola por mais de três meses cerca de 10.600 crianças, 40% do sexo feminino. No nordeste da Etiópia, 15 escolas foram fechadas devido à falta de água durante a seca fazendo com que 1.899 crianças, 29% delas do sexo feminino, ficassem sem acesso à educação.

As meninas e mulheres brasileiras na faixa etária entre os 15-29 anos que têm filhos e não completaram o ensino médio, estando assim, fora da escola, representam uma taxa de desistência escolar equivalente a 29,6% perante outras desistentes. Há jovens cujas famílias dependem da força de trabalho dos pais mais novos, muitas das meninas têm papel importante nos afazeres familiares e domésticos. Concluindo, em situações de vulnerabilidade, elas são as primeiras a ficar sem educação.

Pondo isto tudo em causa, é inevitável reconhecer o privilégio, que assim não é visto por todos, dos direitos básicos que temos. Contudo, isto não é um aviso para não darmos continuidade à nossa luta pela igualdade, mas sim torná-la numa luta global, para que todas, independente das nossas origens, lutemos para atingir um fim maior.

Trabalho realizado por: Beatriz Silva e Érica Moreira, 10^ºB

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

Nos últimos anos, a desigualdade entre homens e mulheres transformou-se num problema global, que requer soluções.

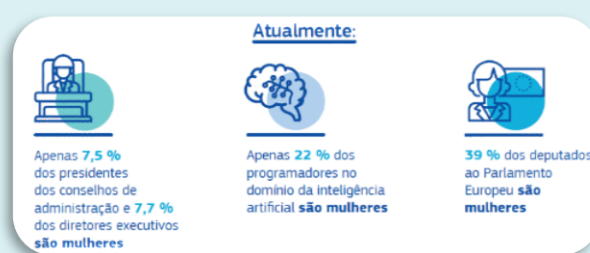
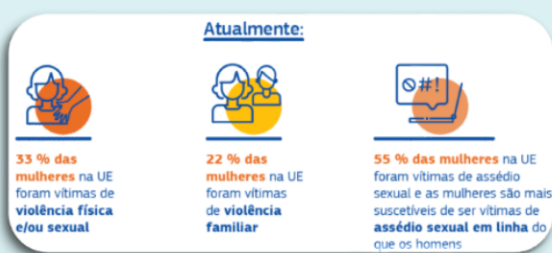
Dos governos aos conselhos de administração, passando por prestigiantes cerimónias que premeiam o talento, mulheres continuam a ser excluídas das posições de topo. As líderes e figuras públicas enfrentam situações de assédio, ameaças e abuso, tanto na internet como na vida real. A disparidade salarial entre homens e mulheres é apenas um sintoma da diferença de poder entre géneros.

O Dia Internacional da Mulher é celebrado, em vários países, a oito de março. Existem vários motivos para se celebrar nesse dia, sendo o mais importante a greve das operárias russas a oito de março de 1917, que lutavam por melhores condições nas fábricas, assim como um salário igual aos dos homens. Esta greve reuniu mais de noventa mil operárias e pela primeira vez no mundo, reflete-se sobre os direitos das mulheres.

Infelizmente, ainda existem muitos países com eminentes desigualdades entre homens e mulheres, estes situam-se maioritariamente no Norte de África e no Sudoeste Asiático, como por exemplo, Iémen, Arábia Saudita, Iraque, Marrocos, entre outros. No Iémen, por exemplo, as mulheres são normalmente vendidas pelos pais, antes mesmo dos seus quinze anos, para casarem com homens com o dobro ou triplo da sua idade. Se porventura engravidarem, apenas médicas mulheres podem auxiliá-las durante a sua gravidez, algo que é, muitas vezes, impossível devido ao fraco investimento que este país faz na saúde. Para além disso, só podem sair à rua se o seu marido ou algum parente do sexo masculino as autorizar.

Apesar de todas as desigualdades e injustiças que estas mulheres passam, ainda existem pessoas corajosas que continuam a lutar e a defender os seus direitos, como o caso de Malala Yousafzai, defensora do direito das mulheres à educação, não respeitados no seu país, Paquistão. Malala dava palestras e entrevistas para mostrar ao mundo a realidade em que vivia. E apenas por defender aquilo em que acreditava, sofreu um atentado por parte dos Talibãs, no entanto, isso não a silenciou, motivando-a uma vez mais a lutar pelos direitos das mulheres. Tornou-se assim, a mais jovem vencedora do prémio Nobel da Paz.

Infelizmente, a desigualdade de género ainda existe no mundo, mas está nas nossas mãos mudar isso e defender aquilo em que acreditamos, sem deixar que ninguém nos silencie! Mulheres unidas são mais fortes.



Trabalho realizado por: Ânia Assunção, Érica Frade, Rita Martins, Rodrigo Alves 10ºB

Violência Doméstica

A violência doméstica é um padrão de comportamento de violência ou outro tipo de abuso por parte de uma pessoa contra a outra num contexto doméstico como no caso de: casamento, crianças indefesas, idosos e etc...

Todos podemos ser vítimas de violência doméstica. As vítimas podem ser ricas ou pobres, de qualquer idade, sexo, religião, cultura, orientação sexual e etc...

Este crime pode englobar diferentes tipos de abusos tais como:

- **Violência sexual:** Qualquer comportamento em que o(a) companheiro(a) força o outro a ter atos sexuais que não deseja. Tipo:

Pressionar, forçar ou tentar que o(a) companheiro(a) mantenha relações sexuais desprotegidas; forçar o outro a ter relações com outras pessoas.

- **Violência emocional:** Qualquer comportamento do(a) companheiro(a) que visa fazer o outro sentir medo ou ser inútil. Usualmente inclui comportamentos como: ameaçar os filhos; magoar os animais de estimação; humilhar o outro na presença de amigos, familiares ou em público, entre outros.
- **Violência social:** qualquer comportamento que intenta controlar a vida social do(a) companheiro(a), através de, por exemplo, impedir que este(a) visite familiares ou amigos, cortar o telefone ou controlar as chamadas e as contas telefônicas, trancar o outro em casa.
- **Violência física:** qualquer forma de violência física que um agressor(a) inflige ao companheiro(a). Pode traduzir-se em comportamentos como: esmurrar, pontapear, estrangular, queimar, induzir ou impedir que o(a) companheiro(a) obtenha medicação ou tratamentos.

Um caso muito famoso que teve repercussão pelo mundo foi o do menino Harry de 4 anos que sofreu violência física de sua própria mãe e padrasto.

A sua análise corporal apontou que ele teve diversas lesões corporais nas suas pernas, braços e dorso.

Link para mais informações: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56681829>

Como podemos saber que estamos sendo uma vítima de abuso ou como podemos identificar uma vítima:

Tem medo do temperamento do seu namorado ou namorada?

Tem medo da reação dele(a) quando não tem a mesma opinião?

Ele(a) constantemente ignora os seus sentimentos?

Goza com as coisas que lhe diz?

Procura ridicularizá-lo(a) ou fazê-lo(a) se sentir mal em frente dos seus amigos ou de outras pessoas?

Alguma vez ele(a) ameaçou agredi-lo(a) ?

Alguma vez ele(a) lhe bateu, deu um pontapé, empurrou ou atirou algum objeto?

Não pode estar com os seu amigos e com sua família porque ele(a) tem ciúmes?

Tem medo de dizer não quando não quer ter relações sexuais?

É forçado(a) a justificar tudo que faz?

Ele(a) está constantemente a ameaçar a revelar o seu relacionamento?

Sempre quer sair e tem que pedir permissão?

Em novembro de 1998, foi criado este serviço telefónico de informação gratuito, é anónimo e confidencial funciona 24 horas por dia / 365 dias por ano, para apoiar vítimas de violência doméstica através do número 800 202 148.

Mas se não pode ou não quer telefonar, pode enviar uma mensagem para a Linha SMS 3060, também ela gratuita e confidencial.

Observações e curiosidades:

Uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência no último ano no Brasil, durante a pandemia de Covid, segundo pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

O laço roxo usado em campanhas de consciencialização para a violência doméstica.

Trabalho realizado por: Allison Ramos, Inês Grenhas, João Santos, Joel Oliveira, Marta Santos- 10ºB

Acesso à educação

Neste trabalho iremos abordar o tema: “O acesso à educação por parte dos jovens nos diversos países”, com intuito de termos uma maior percepção de que forma são os jovens educados em diversos locais do mundo, identificando algumas das suas dificuldades.

Começando por analisar os diferentes casos, através de uma breve pesquisa, conseguimos identificar que as razões mais frequentes que levam ao abandono escolar por parte dos estudantes são, na sua maioria, questões socioeconómicas, desigualdade de género, sociodemográficas e inclusão social, mas de que maneira podem estas prejudicar os jovens?

Em Portugal, perante a lei, a escolaridade é obrigatória e gratuita (o que não se verifica totalmente, pela subida dos preços atingindo valores insustentáveis para uma grande parte dos jovens portugueses) até aos 18 anos de idade, para ambos os géneros feminino e masculino, pelo que é defendido que o acesso à Educação é um direito de todos, não um privilégio só de alguns. No entanto, apesar de parecer ser muito boa e eficiente, Portugal enfrenta algumas dificuldades tais como:

1. A falta de recursos humanos, materiais e tecnológicos;
2. Turmas com mais de 30 alunos dificultando a aprendizagem;
3. Os custos dos transportes são elevados, impossibilitando muitos jovens de chegarem às suas escolas;



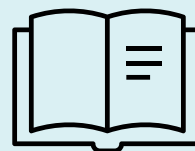
Relativamente a África, muitas são as escolas que não possuem qualquer tipo de condições para receber alunos, estando, mesmo assim, sobrelotadas e onde a seleção dos jovens é feita com base nos seus tons de pele, género e condições financeiras. Para termos uma noção, estudos revelam que:

1. 71 Milhões de jovens encontram-se fora da escola, sem qualquer acesso à educação;
2. Mais de 49 milhões de raparigas não frequentam a escola por conta dos casamentos feitos com uma idade precoce e gravidez durante a adolescência;
3. Pessoas de outras etnias, não incluindo a africana, a escolaridade obrigatória é até aos 16 anos, já os jovens da etnia africana apenas até aos 11 anos;

Quanto à Índia, sendo o segundo país mais populoso do mundo e muito dependente da agricultura, a escolaridade é gratuita e obrigatória até aos 14 anos de idade, depois desta idade surgem as complicações, na seleção dos estudantes são, novamente, aplicados contextos socioeconómicos e desigualdade de género, na sua maioria dividindo o que chamamos de secundário em duas partes (sendo estas opcionais, e não obrigatórias): médio (14 aos 16) e médio secundário (17 e 18).

No entanto, em 2001, foi implementado um sistema por parte do programa SSA (Sarva Shiksha Abhiyah) com o intuito de melhorar a qualidade e eficiência da educação transmitida aos jovens dentro e fora das salas de aula, revelando grandes melhorias.

Em relação à China, os representantes dizem disponibilizar um ensino de rigor e disciplina. Possui uma escolaridade obrigatória e gratuita dos 6 aos 15 anos, depois disto, o ensino já é pago pelos familiares dos utentes, mas a educação encontra-se disponível para ambos os géneros feminino e masculino, sendo que possui um sistema educacional tão eficiente que a alfabetização é aproximadamente 95%.



Por fim, no Brasil, o ensino é obrigatório até aos 17 anos. Seguindo o princípio de que a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda.

16 Milhões de pessoas são analfabetas, havendo no total 212.6 milhões de habitantes, onde as desigualdades mais frequentes são étnicas e socioeconómicas.

Para um possível melhoramento na aceitação e desenvolvimento mais eficientes dos nossos jovens, as medidas propostas pelo nosso grupo são:

- Maior inclusão por parte das escolas, familiarizando o ambiente escolar para os seus próprios estudantes e seus familiares;
- Foco nas aprendizagens desde uma fase precoce, para promover uma diminuição na taxa de analfabetismo;

DOMÍNIOS DE AUTONOMIA CURRICULAR – DAC

- Privilegiar a formação dos professores para adquirirem maiores capacidades sobre diversos assuntos não só os abordados em sala de aula;
- Investir no desenvolvimento de sistemas educativos;

Por fim, o mais difícil de ser efetuado, é a mudança de mentalidade de muita gente para fornecer um ambiente mais saudável e agradável aos alunos por todo o mundo.

Com este trabalho, percebemos que a desigualdade ainda está muito presente nos dias de hoje e que é muito variável de país para país (com diferentes graus), o que é muito triste e deve ser alterado, pois todos os jovens devem ter as mesmas oportunidades de mostrar as suas possíveis capacidades, independentemente dos fatores externos que os influenciarem nas suas jornadas.

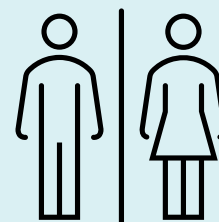
Trabalho realizado por: Leonor Liberato e Daniela Marujo, 10ºB

Igualdade de Género

A Igualdade de Género, em pleno século XXI, ainda é tema de grande debate. Questões como a remuneração igual e os direitos do trabalhador, no geral, são provavelmente o tema que ainda gera mais controvérsia. Segundo dados de 2021, em média, as mulheres ganham menos 14% que os homens em Portugal, pelo mesmo trabalho exercido.

No entanto, fora de Portugal e da Europa, a situação é bastante mais alarmante. Em alguns países do Médio Oriente, as mulheres não têm sequer direito à escolaridade, sendo obrigadas a exercer trabalhos básicos, sem necessidade de qualificações e muito mal (ou nem sequer) remunerados. Temos o caso de Malala, que vivia até 2009, no Paquistão, que não concordava de maneira alguma com a discriminação contra as mulheres que acontecia no seu país, por isso, tentou mudar isto, juntamente com o seu pai, e tentou criar uma escola onde as raparigas poderiam ter acesso à escolaridade.

Exemplos como o de Malala dão-nos inspiração e revelam que ainda há quem lute bastante por estas causas nos nossos dias!



Trabalho realizado por: Diogo Fidalgo, Rafael Ferreira, Rafael Paquete, Enzo Gouveia e Gabriel Souza, 10º B